Salomão Rovedo
(Org.)

Cancioneiro Nordestino



Achegas-Recolha-Antologia

Rio de Janeiro
2018

Introdução

Comecei a juntar material para este trabalho em 2005, na intenção original de apresentar apenas a antologia de canções. Entre pedidos e compras iniciais a maçaroca foi aumentando e sendo depositada numa pasta. Depois chegou a internet, a digitalização, novos meios de pesquisas e só agora em 2018 lanço o filho ao mundo, com aquela sensação de estar o trabalho ainda incompleto.

O que é a mais pura verdade: esta juntada só estará completa quando um músico anexar as cifras, quando outros pesquisadores fizerem as necessárias correções, entre desmentidos e novas achegas. Aí sim se terá algo mais sólido, um edifício ou um roçado que mostre o cancioneiro nordestino em toda sua pujança. Por enquanto é um arremedo, um bicho capenga em que faltam colunas sólidas que o sustente na longa estrada das leituras.

A essa gente interessada em tudo que relaciona com a poesia popular lanço esse desafio. Afinal, entretidos com o sucesso da Literatura de Cordel com seus folhetos mágicos, a turma da viola negligenciou outras formas de poesia popular, entre elas a canção nordestina, tão bela, tão singela, tão emotiva – composta e apresentada bem ao gosto do sentimentalismo do nordestino.

Agradeço ao poeta Franklin Maxado que deu o primeiro empurrão e mais engordou este trabalho com uma seleção primorosa do cancioneiro religioso, que enriquece as novenas, terços, ladainhas e procissões, com um monte de belíssimas canções. A minha sogra Áurea, alagoana dos Albuquerque. de Palmeira dos Índios, sabia todas. E quando chegava a este modesto bairro do Cachambi, Rio de Janeiro, em visita ou a passeio, era sempre bem recebida.

Além dos acepipes alagoanos que eram devorados pela turma toda, a rebatida era o doce de macaxeira e uma rodada de canções religiosas e profanas cantadas com a voz maviosa que Deus lhe deu, ao pé de meus ouvidos, posto que os netos e o restante dos habitantes do modesto apartamento procuravam repousar dos poderes trazidos pela galinhada com taioba, do jabá com jerimum e pirão de farinha d'água. Isso quando não servia aquela peixada à moda alagoana...

Isso não é coisa que se perca, nem seja esquecida largada por aí.

Rio de Janeiro, Cachambi, 10 de janeiro de 2018.

Capa: Elizeu Ventania

I

Cavoucando as origens

Um dos gêneros de poesia popular que mais me deixou encantado – ponho aqui o sentido magico da palavra – foi sem dúvida a canção. É claro que ouvir o poeta cantar um folheto de gracejo é mais convidativo, pois concentra em torno dele de imediato um grupo de espectadores ávidos por ouvir algo que trará alegria e provocará risos que façam reduzir o impactante e árduo labor do dia a dia.

Para ouvir uma canção é diferente. Em poucas delas haverá tema que provoque risadas – alegria sim, gargalhadas não. O enredo em geral conta histórias de vida, felizes e infelizes. O poeta afina a sua viola em outro tom que não aquele monocórdio e repetitivo dos folhetos. A música tem outra entonação e a carga dramática predomina.

Por isso todas as vezes que fiquei em frente a um par de violeiros cantadores deixei que a parte dos gracejos, glosas e motes solicitados – muitos dos quais dirigidos aos próprios ouvintes – diminuísse para solicitar ao pé do ouvido que cantassem uma canção e para isso depositava uma boa contribuição na maleta aberta de par em par que ficava à frente do palco.

E logo me postava para ouvir uma história de amor, o drama de uma família, histórias que tinham como personagens bichos e crianças. Cheguei até mesmo a ouvir a canção que contava o drama da família cujo filho inocente tinha sido vítima de balas perdidas – resultado da guerra sem fim que travam vendedores de drogas e a polícia.

Logo reparei que a melodia que acompanha as canções tem base padrão, isto é, em teoria, qualquer letra pode ser acompanhada pela música, com algumas variações. É sempre uma melodia dolente, de longas frases, que encaminha o drama sem pressa alguma a um final inesperado. Esse efeito surpresa leva a música ao ápice, cujo desfecho muitas vezes leva os ouvintes às lágrimas ou aos protestos por tanta injustiça e infelicidade.

As origens da canção decerto têm a mesma fonte da literatura de cordel como um todo. Acho ridículo que os estudiosos se prendam às raízes ibéricas – como vem sendo repetido ad infinitum. Acho até que a canção é mais literatura de cordel que os folhetos porque são publicadas em folhas soltas e não tem outro jeito de expor as folhas a não ser penduradas no barbante... Bom, deixa pra lá.

O certo é que o cancioneiro nordestino não se fez só dessa maneira: também pela voz das crianças em suas parlendas existe escondido nas

brincadeiras e danças de rodas, um drama, uma história de amor – tudo dramatizado em forma de drama e canção.

Mesmo nas canções folclóricas e parlendas ditas infantis se nota a interseção de temas que na verdade caminham para a formação adulta, remetendo para a maioridade vindoura. Assim se vê em várias cançonetas que ilustram as brincadeiras de roda, adivinhação ou narração de histórias de exemplo, conforme estes excertos:

Eu entrei na roda

Sete e sete são quatorze,
com mais sete, vinte e um
Tenho sete namorados
só posso casar com um.

Namorei um garotinho
do colégio militar,
O diabo do garoto
só queria me beijar.

Alecrim

Alecrim, alecrim dourado,
Que nasceu no campo
Sem ser semeado.

Oi, meu amor,
Quem te disse assim,
Que a flor do campo
É o alecrim?

Alecrim, alecrim aos molhos,
Por causa de ti
Choram os meus olhos.

Alecrim do meu coração
Que nasceu no campo
Com esta canção.

Se esta rua fosse minha

Se esta rua fosse minha,
Eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas de brilhantes,
Só pra ver meu bem passar.

Nesta rua tem um bosque
Que se chama solidão
Dentro dele mora um anjo
Que roubou meu coração.

Se eu roubei teu coração,
Tu roubaste o meu também.
Se eu roubei teu coração,
É porque te quero bem.

O cravo brigou com a rosa

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada,
O cravo saiu ferido
E a rosa, despedaçada.

O cravo ficou doente
A rosa foi visitar,
O cravo teve um desmaio,
A rosa pôs-se a chorar.

O pobre cego

Minha Mãe acorde,
De tanto dormir
Venha ver o cego,
Cantar e pedir.

Se ele canta e pede,
Dê-lhe pão e vinho
Mande o pobre cego,
Seguir seu caminho.

Não quero teu pão,
Nem também teu vinho
Quero só que minha vida,
Me ensine o caminho.

Anda mais Aninha,
Mais um bocadinho,
Eu sou pobre cego,
Não vejo o caminho.

Até mesmo a célebre canção “Peixe vivo”, antes considerada parlenda infantil, entrou de vez para o repertório das serestas, pois teve no Presidente Juscelino Kubitscheck seu grande fã e divulgador.

Peixe Vivo

Como pode o peixe vivo
Viver fora d'água fria?
Como poderei viver,
Sem a tua companhia?

Os pastores desta aldeia
Já me fazem zombaria,
Por me ver assim chorando
Sem a tua companhia.

Outro tanto das canções folclóricas e poemas de célebres poetas brasileiros foi parar nas mãos de compositores eruditos e hoje fazem parte da importante coleção do cancioneiro brasileiro. Compositores como Heitor Barrozo Netto, Alceu Bochino, Francisco Braga, Eleazar de Carvalho, Furio Franceschini, Cesar Guerra-Peixe, Radamés Gnattali, Basílio Itiberê, Eunice Catunda, Edino Krieger, Osvaldo Lacerda, Francisco Mignone, Abdon Milanês, Marlos Nobre, Alberto Nepomuceno, Henrique Oswald, Jayme Ovalle, Elpídio de Britto, Claudio Santoro, Heckel Tavares, Flausino Vale, Fructuoso Vianna, Heitor Villa-Lobos, Jupyra Barreto, Lícia di Biasi, Hilda Reis, Carmen Sylvia, entre centenas de outros.

Artur Iberê de Lemos, por exemplo, musicou as letras e poemas de Rogério de Miranda, Ribeiro Couto, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Luiz Andrade filho, Yedda Lemos, Félix Pacheco, Antônio Lemos Sobrinho, Alphonsus de Guimarães, Bastos Tigre, Teófilo da Fonseca, Alma Cunha de Miranda, Ciro Costa e Cherubina Rojas Ovalle, que era irmã do compositor Jayme Ovalle e prima de Iberê. A listagem é enorme e pode ser encontrada em: https://www.grude.ufmg.br.

Todos, no entanto, vieram no rasto de Domingos Caldas Barbosa, o pioneiro da viola, da seresta, do lundu. Domingos Caldas Barbosa foi poeta árcade, mas sua principal obra Viola de Lereno é prenúncio de nossas canções populares, folclóricas ou não. Francisco de Assis Barbosa comentou: “Perfeitas ou não, essas quadrinhas despretensiosas resistiriam ao tempo e à pancadaria dos eruditos. As cantigas do mulato Caldas Barbosa possuem um embalo preguiçoso e dolente, que vem da sua autêntica inspiração popular, como uma antecipação dos melhores momentos dos nossos modinheiros e letristas de samba (...).” Vejam os exemplos, cujos temas tocam direto na criação de um cancioneiro popular brasileiro:

Vou Morrendo Devagar

Eu sei, cruel, que tu gostas,
Sim gostas de me matar;
Morro, e por dar-te mais gosto,
Vou morrendo devagar:

Eu gosto morrer por ti
Tu gostas ver-me expirar;
Como isto é morte de gosto,
Vou morrendo devagar:

Amor nos uniu em vida,
Na morte nos quer juntar;
Eu, para ver como morres,
Vou morrendo devagar:

Perder a vida é perder-te;
Não tenho que me apressar;
Como te perco morrendo,
Vou morrendo devagar:

O veneno do ciúme
Já principia a lavrar;
Entre pungentes suspeitas
Vou morrendo devagar:

Já me vai calando as veias
Teu veneno de agradar;
E gostando eu de morrer,
Vou morrendo devagar:

Quando não vejo os teus olhos,
Sinto-me então expirar;
Sustentado d'esperanças,
Vou morrendo devagar:

Os Ciúmes e as Saudades
Cruel morte me vêm dar;
Eu vou morrendo aos pedaços,
Vou morrendo devagar:

É feliz entre as desgraças,
Quem logo pode acabar;
Eu, por ser mais desgraçado,
Vou morrendo devagar:

A morte, enfim, vem prender-me,
Já lhe não posso escapar;
Mas abrigado a teu Nome,
Vou morrendo devagar.

Doçura de Amor

Cuidei que o gosto de Amor
Sempre o mesmo gosto fosse,
Mas um Amor Brasileiro
Eu não sei por que é mais doce.

Gentes, como isto
Cá é temperado,
Que sempre o favor
Me sabe a salgado:

Nós lá no Brasil
A nossa ternura
A açúcar nos sabe,
Tem muita doçura,
Oh! se tem! tem.

Tem um mel mui saboroso,
É bem bom, é bem gostoso.

As ternuras desta terra
Sabem sempre a pão e queijo.
Não são como no Brasil
Que até é doce o desejo.

Ah nhanhá, venha escutar
Amor puro e verdadeiro,
Com preguiçosa doçura
Que é Amor de Brasileiro.

Os respeitos cá do Reino
Dão a Amor muita nobreza,
Porém tiram-lhe a doçura
Que lhe deu a Natureza.

Quando a gente tem nhanhá
Que lhe seja bem fiel,
É como no Reino dizem
Caiu a sopa no mel.

Se tu queres qu'eu te adore,

A Brasileira hei de amar-te,
Eu sou teu, e tu és minha,
Não há mais tir-te nem guar-te.

A Ternura Brasileira

Não posso negar, não posso,
Não posso por mais que queira,
Que o meu coração se abrasa
De ternura Brasileira.

Uma alma singela e rude
Sempre foi mais verdadeira,
A minha por isso é própria
De ternura Brasileira.

Lembra na última idade
A paixão lá da primeira,
Tenho nos últimos dias
A ternura Brasileira.

Vejo a carrancuda morte
Ameigar sua viseira,
Por ver que ao matar-me estraga
A ternura Brasileira.

Caronte, que chega à barca,
E que me chama à carreira,
Vê que o batel vai curvando
Coa ternura Brasileira.

Mal piso sobre os Elísios,
Outra sombra companheira
Chega, pasma, e não conhece
A ternura Brasileira.

Eu vejo a infeliz Rainha
Que morre em ampla fogueira,
Por não achar em Enéias
A ternura Brasileira.

Do mundo a última parte
Não tem frase lisonjeira,
As três que a têm não conhecem
A ternura Brasileira.

Do mundo a última parte

Foi sempre em amar primeira
Pode as três servir de exemplo
A ternura Brasileira.

II

Elizeu Ventania – uma tempestade

Elizeu Elias da Silva, conhecido por Elizeu Ventania, é um dos últimos cancioneiros tradicionais. Ele nasceu em 1924 no município de Martins (RN). Aos 18 anos confirmou a vocação para a viola e, animado por outros violeiros, decidiu virar profissional da cantoria. De início pensou adotar o nome de Elizeu Serrania para homenagear a cidade natal (conhecida como "Campos do Jordão do Nordeste" pelo clima ameno), mas já havia um artista com esse nome. Por isso, optou por acrescentar Ventania ao Elizeu.

Viajou para Fortaleza onde se aprimorou na arte da cantoria e iniciou a trajetória de artista. Viveu muitos anos do repente e da viola, cantando do Nordeste ao Sul do país. Gravou três LPs: "Canções de Amor" (1971); "O Nascimento de Jesus" (1972); "Chorando ao Pé da Cruz" (1979). Este último, lançado pela gravadora Continental, vendeu mais de 40 mil cópias. Elizeu de juntou a João Liberalino e formou uma das mais famosas duplas de cantadores: eles comandaram por mais de 20 anos o programa de rádio "Rimas e Violeiros".

Aos 60 anos Elizeu ficou completamente cego, vitimado de catarata. Mesmo assim, nos últimos anos de vida manteve uma banca ao lado do Mercado Central de Mossoró, onde cantava e vendia fitas-cassetes. Na última entrevista concedida ao jornal O Mossoroense, em 27 de setembro de 1998, Elizeu falou da influência que outros violeiros tiveram para a sua decisão pela cantoria:

"O que me impulsionou foi o chamado de outros violeiros, como João Liberalino, Adonias Ferreira, entre outros. Aos 18 anos, eu fui para Fortaleza, no Ceará, e lá me fiz com os violeiros. Anos depois tive como parceiros João Liberalino, Adonias Ferreira, Raimundo Mourão, Bem-te-vi Neto, Patativa do Assaré, Chico Traíra e muitos outros".

Ainda na conversa, Elizeu revelou a música de que mais gosta ("Serenata na Montanha") e se queixou da falta de importância que a cantoria vinha tendo, de dificuldades financeiras, da saúde, dos males que enfrentou depois que ficou cego por causa da catarata e da impossibilidade de cantar.

Elizeu Ventania foi casando com Francisca Limeira Sales, mas durante a doença até os últimos dias de vida teve a companhia da companheira Benedita Neuma Sena, com quem vivia. O cançonista teve ao todo oito filhos. Elizeu Ventania faleceu em 19 de outubro de 1998 de parada cardíaca, devida a complicações respiratórias adquiridas pelo consumo excessivo de cigarro.

Discografia:
Canções de Amor (1971) - Continental
O Nascimento de Jesus (1972) - Com João Liberalino - Continental
Chorando ao pé da cruz (1979) - Continental

Antologia de Elizeu Ventania

Recordação do Passado

Nesta canção irei contar o meu passado
Sou obrigado a descrever o que gozei
Naquele tempo, passageiro e tão risonho
Foi como um sonho que do leito despertei
Ao despertar notei a vida fracassada
E transformada numa grande solidão
Por que agora no lugar da mocidade
Vem a saudade invadir meu coração.

E quando vejo uma noite enluarada
A meninada espalhada pelo chão
Aí recordo que já tive a mesma idade
Tenho saudade do luar do meu sertão
Já fui menino e gozei muito no passado
Fui namorado de milhares no jardim
Namorei muito e com mulher fiz grosseria
E hoje em dia a mulher zomba de mim.

Fico tristonho quando vejo uma cidade
Com a mocidade na bancada do jardim
Trocando risos de amor e de esperanças
Tenho a lembrança que também já fui assim
Naquele tempo meu viver foi um colosso
Quando fui moço e todo mundo me quis bem
E hoje vivo pelo mundo desprezado
Abandonado sem carinho de ninguém.

Ah! Se voltasse o que gozei na meninice,
Mas a velhice acabou o meu cartaz,

Aquele gozo transformou-se em sofrimento
Este tormento a velhice sempre traz
Não tenho pai, não tenho irmão e nem parente
Vivo somente lamentando o meu sofrer
Não tenho lar, nem esposa, nem amigo
Assim prossigo neste mundo até morrer.

Serenata na montanha

Eu sonhei quando dormi,
No mesmo sonho eu ouvi
Uma voz dizendo vá
Enfrentar a verde mata
Fazer uma serenata
Na montanha do Pará.

Eu entrei de mato adentro
Quando cheguei lá no centro
Afinei meu violão
Como estava em terra estranha
Pedi licença à montanha
E cantei uma canção.

Quando eu estava cantando
Vi um índio vir chegando
E começou a me falar:
Atenda o morubixaba
Me acompanhe até a taba
Que pajé mandou chamar.

Eu parei meu instrumento
E ali naquele momento
De viver perdi a fé
Com o violão de lado
Nesta hora fui levado
A presença do pajé.

O pajé falou comigo
Foi dizendo meu amigo,
Cante ai uma canção
Eu cantei ele alegrou-se
Uma índia apaixonou-se
Me ofertou seu coração.

Eu mirei sua beleza
Foi esta maior surpresa
Que no mundo pude ter

Por que nunca vi tão bela,
Uma índia igual aquela
Nunca mais eu hei de ver.

Ali naquele momento
A pedi em casamento
E o pajé não fez questão
Eu casei-me lá na mata
Houve uma serenata
De viola e de canção.

Quando a festa terminou-se
Todo mundo retirou-se
E eu dali sai também
Com a índia pela flora
Porém nesta mesma hora
Acordei não vi ninguém.

Ausência e Saudade

Ao ver a lua eu recordo a minha terra,
O pé da serra que nasci e me criei
Onde gozei o meu tempo de criança.
Tenho a lembrança de uma noite que cantei
A dez de agosto, numa noite enluarada
Lá na calçada afinei meu violão.
Foi nessa hora que chegou minha querida
Por despedida ofertei-lhe esta canção.

Adeus querida que amanhã irei embora
Chegou a hora, vou partir do meu sertão
Passar uns anos sem andar nessa cidade
Grande saudade levarei no coração
Minha alma triste nesta hora continua
Somente a lua testemunha o nosso amor.
Eu só adoro neste mundo a ti querida
A minha vida sem te ver não tem valor.

Porém preciso atender o meu destino
Sou um peregrino que nasci para sofrer
O meu desejo de andar é tão profundo
Todo este mundo eu pretendo conhecer
Porém te peço para aguardar a minha vinda
A jovem linda nessa hora se inspirou
A minha alma se encheu de sofrimento
Neste momento veio o dia o sol raiou.

Despedi-me do meu pai e da menina
A minha sina e sofrer e viajar
Padeço tanto pelo mundo desprezado
Abandonado, levo a vida a lamentar
Longe de casa não esqueço um só instante
A minha amante, meus irmãos e os meus pais
Para onde olho a tristeza está de testa
Hoje me resta sofrimento e nada mais.

Folha seca

Folha seca desprezada
Que hoje esta separada
Das rosas do teu jardim
Nascestes entre a grandeza
Em um pomar de beleza
E hoje eu te vejo assim:
Pelas estradas rolando,
O vento te carregando
Sem ter direito a pousar
Sujeita a força do vento
Eu olho o teu sofrimento
Fico tristonho a pensar.

Eu também fui bem criado
E hoje, tão desprezado
Vivo a sofrer sem ninguém,
Igualmente a um peregrino
Jogado pelo destino
Vivo sofrendo também
Do meu lugar vivo ausente
Não tenho nenhum parente
Para prestar-me atenção
Nessa existência perdida,
Eu sou a folha sem vida
Que vive a rolar no chão.

Mulher Feiticeira

Aquela dona, eu vou contar a vida dela
Na sua casa, qual a sua profissão:
Levanta falso, roga praga, acende vela
Defuma a casa, faz o mal, baixa sessão.
Se dorme, é pouco, se levanta a madrugada
Vai dar na vida de quem vai e de quem vem.
É imbecil, é imoral e depravada
Não se acanha de atacar quem vive bem.

A sua vida é difamar mulher casada
Até a moça, ela dá má informação
Manga do povo quando passa na estrada
Dá no marido e é aquela confusão
A vizinhança, não suporta, vende a casa
Quem já conhece, nem barato quer comprar
Quem vê a cara dessa fera se atrasa
Essa serpente é a miséria do lugar.

Onde ela mora, tem a fama de valente
Vive insultando todo mundo para brigar
O povo dela vive cheio de aguardente
A vizinhança já não pode suportar
A sua língua pesa igual a uma marreta
É feiticeira, é pediasta e é ruim
O povo dela joga pedra e faz careta
Aquele povo é da família de Caim.

Ciúme Não é Amor

Sempre quem ama, tem um dito por costume
"quem tem ciúme, é na certeza, querer bem"
Que o ciúme, é uma prova de amizade,
Esta maldade eu não combino com ninguém
É o ciúme, a maior desconfiança
Quebra a esperança de quem tem maior valor
Com ciúme eu sou bastante despeitado:
Foi o culpado de eu perder meu grande amor.

Pois o ciúme traz na sua companhia
A grosseria, a malquerença, o desprazer,
Desunião, separação e falsidade,
Fez da amizade, o meu amor desvanecer
Por causa dele é que vivo abandonado
Não fui culpado de viver sofrendo assim.
Tudo que sofro, agradeço sempre a ele
Por causa dele meu amor foi contra mim.

Talvez um dia, meu amor se arrependa
E compreenda que o mesmo causador
Foi o ciúme que tomou a sua frente
Fez de repente se acabar o nosso amor
Se algum dia ela voltar arrependida
Reconhecida implorando o meu perdão
Perdoarei porque eu gosto muito dela
Somente a ela dediquei meu coração.

Estrela da Vida

O povo diz que cada uma criatura
Tem uma estrela que ilumina seu viver
Já sei que a minha não acende está escura
E se acende, está distante, não me vê
Eu não conheço o que é felicidade
A humanidade escurece meu valor
Vivo rompendo a maior dificuldade
Ninguém no mundo da um passo em meu favor.

A minha estrela toda vida é apagada
Tudo no mundo é difícil para mim
Prá onde olho vejo espinho em minha estrada
Não sei por que o grande deus me fez assim
Se é verdade que existe a minha estrela
Há muito tempo para o meu lado escurecer
Se há fortuna eu não pude recebê-la
Não há quem seja sofredor mais do que eu.

Feliz quem nasce numa estrela reluzente
Arranja tudo que quiser, sem se vexar
Para onde olha vê fortuna em sua frente
A sua estrela lhe ajuda a melhorar
Porém a minha se existe é apagada
Por isto mesmo, é que estou sofrendo assim.
Quem tem meu signo é infeliz, não goza nada
Felicidade nem se fala para mim.

Existe gente que me diz que o tempo muda
Mas o meu tempo até hoje não mudou
A minha estrela é apagada, não me ajuda
Às vezes penso que Jesus me abandonou
Eu vou agora esperar que o tempo mude
Para ver se é certo o que sempre o povo diz
Talvez um dia a minha estrela me ajude
E eu ainda seja um ente bem feliz.

A Voz de Um Prisioneiro

Nunca pensei em padecer por trás da grade
Por companheira tenho a negra solidão
Se durmo, sonho com a minha liberdade
E se acordo é recebendo humilhação
Meu alimento é muito tarde e limitado
Meus companheiros nunca mais confiam em mim

Por não pensar vivo sofrendo encarcerado
Existem muitos como eu sofrendo assim.

Na minha casa eu tinha tudo a toda hora
A liberdade, o alimento e o amor
Quem fui na vida e quem estou sendo aqui agora
Se alguém me olha é com desprezo e rancor
Aqui não tenho a visita de um amigo,
Vivo trancado nesta triste escuridão
Se vejo alguém já penso até que é inimigo
Como padece o meu pobre coração.

Esta canção para quem escuta é um conselho
Você que tem a liberdade de viver
Despreza o mal, procure o bem, veja o espelho
Quem pensa antes, pode bem se defender.
A violência joga o homem no perigo
Por causa dela muita gente sofre assim
Você procura ser humilde e ser amigo
Para não ficar prisioneiro igual a mim.

Um Adeus Para Nunca Mais

Mulher falsa e traidora,
Foste a única causadora
Do meu triste padecer
E por ti que estou sofrendo
E o mundo esta sabendo
Como é triste o meu viver
Pela tua inconsciência
Hoje estou sem residência
Acabaste o que foi meu
Deus não dorme esta ciente
Teu castigo está na frente
Sofrerás mais do que eu.

Tu já foste bem amada
Acolhida e respeitada
Pelos meios sociais,
Nossa casa bem sortida
Tu alegre e bem vestida
No futuro não serás.
Faltará teu alimento
Chegará teu sofrimento
Ficarás sem ter ninguém
Nesse tempo de clemência
Sentirás a minha ausência

Aí sofrerás também.

Deus permita que eu minta
Mas é bom que deus consista
O teu triste padecer
Quando estiveres sofrendo
Não convém ficar dizendo
Que sofreu sem merecer
O que fizeste comigo
Tu mereces o castigo
E este mesmo tu terás
É por ti que vivo fora
Só me resta dar-te agora
Um adeus para nunca mais.

Nesta Casa Onde Morou Felicidade

Chega de falar e agora para
Não quero mais ouvir você me reclamar
Não dá mais certo vivermos juntos nesta casa
Um de nós dois agora tem que ir embora.

Nossos filhos estão sendo maltratados
Mas o culpado disto tudo não sou eu
Eles não querem me ouvir nem como amigo
E ainda acham que o errado aqui sou eu.

Nesta casa onde morou felicidade
Hoje é um inferno para mim
Nossos filhos, meu amor, estão criados
E agora não precisam mais de mim.

Nesta casa onde morou felicidade
Hoje é um inferno para mim
Nossos filhos, meu amor, estão criados
E agora não precisam mais de mim.

Chega de falar e agora para
Não quero mais ouvir você me reclamar
Não dá mais certo morarmos juntos nesta casa
Um de nós dois agora tem que ir embora.

Nossos filhos estão sendo maltratados
E o culpado disto tudo não sou eu
Eles não querem nem me ouvir nem como amigo
E ainda acham que o errado aqui sou eu.

Nesta casa onde morou felicidade
Hoje é um inferno para mim
Nossos filhos, meu amor, estão criados
E agora não precisam mais de mim.

Nesta casa onde morou felicidade
Hoje é um inferno para mim
Nossos filhos, meu amor, estão criados
E agora não precisam mais de mim.

III

Honra e glória aos irmãos Patriotas



Lourival, Dimas Otacílio e Pinto

Conta-se que depois de ouvir os irmãos Batista cantarem durante um festival de violeiros realizado no Rio de Janeiro, o poeta Manuel Bandeira escreveu os seguintes versos, publicados em "Estrela da tarde" (1960):

Cantadores do nordeste

Manuel Bandeira

Anteontem, minha gente,
Fui juiz numa função
De violeiros do Nordeste.
Cantando em competição,
Vi cantar Dimas Batista
E Otacílio, seu irmão.
Ouvi um tal de Ferreira,
Ouvi um tal de João.
Um, a quem faltava o braço,

Tocava cuma só mão;
Mas, como ele mesmo disse,
Cantando com perfeição,
Para cantar afinado,
Para cantar com paixão,
A força não está no braço:
Ela está no coração.
Ou puxando uma sextilha
Ou uma oitava em quadrão,
Quer a rima fosse em *inha*,
Quer a rima fosse em *ão*,
Caíam rimas do céu,
Saltavam rimas do chão!
Tudo muito bem medido
No galope do sertão.
A Eneida estava boba;
O Cavalcanti, bobão,
O Lúcio, o Renato Almeida;
Enfim, toda a Comissão.
Saí dali convencido
Que não sou poeta não;
Que poeta é quem inventa
Em boa improvisação,
Como faz Dimas Batista
E Otacílio, seu irmão;
Como faz qualquer violeiro
Bom cantador do sertão,
A todos os quais, humilde,
Mando a minha saudação.

Em suas memórias, quase sempre contadas em palestras e entrevistas, Ariano Suassuna relembrou:

"*Em 1946, quando tinha 19 anos, fui passar férias na fazenda Várzea Grande. Quando eu chego na fazenda, que ficava no Sertão do Ceará, meu primo Silveira havia mandado convidar um cantador. Foi aí que eu conheci Dimas Batista e, para mim, foi um deslumbramento. Descobri que havia um cantador que não era só igual, mas melhor do que aqueles outros todos cujos versos eu havia lido nos livros. Fiquei de tal maneira impressionado que, quando voltei para o Recife, procurei o Diretório Acadêmico do curso de Direito, do qual eu era estudante na época, e pedi para que eles organizassem uma cantoria. E foi com essa cantoria que eu dei a minha primeira aula-espetáculo*".

E assim o Teatro Santa Isabel, que outrora recebeu Dom Pedro II, Castro Alves, Tobias Barreto, Rui Barbosa, Carlos Gomes, a bailarina russa Anna Pavlova e o ator Procópio Ferreira, desta vez foi palco de uma

cantoria, comandada por Ariano Suassuna, os irmãos Lourival, Dimas e Otacílio Batista e o poeta popular Manoel de Lira Flores, mesmo debaixo de protestos, aplausos e vaias.

1 - Lourival

Lourival Batista Patriota, o primeiro de uma trinca de irmãos que ficaria famosa no cancioneiro nordestino, ficou conhecido como “Louro do Pajeú” – e assim assinou muitas obras. Lourival concluiu o curso ginasial em 1933, em Recife, depois saiu para fazer cantorias. Tendo ascendência familiar de poetas, violeiros e repentistas – sua infância foi entremeada de festas e encontros de cantadores. Dessa maneira, seria muito natural que escolhesse percorrer a mesma estrada, assim como faria seus dois próximos irmãos Dimas e Otacílio.

Lourival era possuído de memória prodigiosa e qualidades inatas. A habilidade linguística excepcional, aliada ao raciocínio rápido próprio dos repentistas, deu a ele a fama de Rei do Trocadilho. Sempre viveu da arte do repente e da cantoria e assim se apresentava em todo território brasileiro.

Seu maior parceiro de cantoria foi o grande poeta paraibano Pinto do Monteiro. As pelejas desses dois cantadores se tornaram verdadeiras antologias e patrimônios da cultura nordestina. Por mais de 30 anos, Pinto do Monteiro e Lourival percorriam os sítios no interior, cantando sempre de improviso e com rima metrificada, na sacada das casas a convite de um fazendeiro ou no coreto da praça local. A cantoria se pagava com as doações dos que assistiam depositando dinheiro e moedas em uma bandeja.

O folclorista Ivo Mascena Veras, autor de “Pinto Velho do Monteiro – O maior repentista do mundo” (2002), escreveu também o interessante livro “Lourival Batista Patriota – O Rei dos Trocadilhos” (2004), isto é, falou dos dois mais famosos repentistas e companheiros de desafios da época: Pinto Velho e Louro do Pajeú. A seguir reproduzo excertos do livro de Mascena Veras sobre Lourival Batista – já publicados na internet.

Versos de Lourival Batista

Meus filhos são passarinhos
que vivem dos meus gorjeios;
eu, para encher os seus papos,
caço grãos em chãos alheios
e só boto um grão no meu
quando vejo os deles cheios...

****

Meu Deus que sorte mesquinha
desse cego e dessa cega,
chegaram aqui na bodega,
se meteram na branquinha,
Diogo puxa Chiquinha,
Chiquinha puxa Diogo,
ficaram assim nesse jogo,
o carro já está no prego.
A cega puxando o cego
e o cego puxando fogo.

****

Pra cantar um desafio
a ninguém peço socorro;...
vai chegando Orlando Tejo,
que é da altura dum morro,
Tejo que anda esta hora
não tem medo de cachorro.

****

Entre o gosto e o desgosto,
o quadro é bem diferente,
ser moço é ser um sol nascente,
ser velho é ser um sol posto,
pelas rugas do meu rosto,
o que fui hoje não sou,
ontem estive, hoje não estou,
que o sol ao nascer fulgura,
mas ao se pôr deixa escura
a parte que iluminou.

****

Um sábio muito profundo
me perguntou certa vez:
você já conhece os três
desmantelos deste mundo?
Eu respondi num segundo
Doido, Mulher e Ladrão,
dei mais a explicação
Doido não tem paciência,
Ladrão não tem consciência,
Mulher não tem coração.

****

É muito triste ser pobre;
pra mim, é um mal perene...
trocando o “P” pelo “N”
é muito alegre ser Nobre;
sendo pelo “C” é Cobre,
botando o “T” fica Touro;
como a carne e vendo a pele;
o “T” sem o traço é “L”,
termino só sendo “Louro”.

Pra ser Dragão está errado;
mas Lourival te explica:
tira a letra, apaga letra,
bota letra, metrifica,
apaga o D e o R,
bota o C, vê como fica.

****

Eu sou grande na segunda,
na terça, quarta e quinta,
na sexta, não me faltando
pincel, aquarela e tinta,
pinto, pintando o que eu pinto,
eu pinto o que Pinto pinta.

****

O cantador repentista
em todo ponto de vista,
precisa ser um artista
de fina imaginação,
para dar capricho à arte
e ter nome em toda parte,
honrando o grande estandarte
dos oito pés de quadrão!

****

Cantador pra mim só é
se nasceu pra versejar,
como Xudu do Pilar,
Marinho de São José,
Patativa do Assaré,

Silvino da Imaculada,
um Binlinguin de Queimada,
João Preto de Serraria.
Aposentei-me em Poesia,
concluí minha jornada.

****

Não posso suportar mais
na vida tantas revoltas...
Prazer, por que não me buscas?
Mágoas, por que não me soltas?
Presente, por que não foges?
Passado, por que não voltas?

Outros poetas constantes no livro também se manifestaram e tiveram representatividade poética:

Dedé Monteiro

São José do Egito, a cada ano,
vem ficando mais pobre e enlutada:
foi Marinho a primeira bordoada...
Sofreu muito ao perder Rogaciano...
Jó deixou de cantar no térreo plano,
pra no plano divino fazer show...
Dia seis de dezembro o Rei botou
mais tristeza no peito da cidade...
São José escurece outra metade,
que o repente de Louro iluminou.

Quanta pena no povo e quanta pena
na família do Pai dos Trocadilhos,
deixa pena no coração dos filhos,
quem pros filhos viveu de forma plena.
Pra Helena talvez não haja trena,
que consiga medir o que passou...
Mas a obra eu o rei edificou
diminui desse golpe a crueldade.
São José escurece outra metade,
que o repente de Louro iluminou.

Imitar seu estilo e rapidez,
dando ao verso o poder de ir e vir,
muito vate tentou sem conseguir,
elo menos do jeito que ele fez.
Eram três os irmãos, mas desses três,

no repente, só um se eletrizou...
Muita gente também Trocadilhou,
mas ninguém com igual facilidade.
São José escurece outra metade,
que o repente de Louro iluminou.

Não morreu o valor da região,
mas morreu sua "jóia" predileta;
não morreu a lembrança do Poeta,
mas morreu um herói da profissão;
não morreu a tristeza do sertão,
mas morreu quem tão bem o decantou;
não morreu a saudade que ficou,
mas morreu quem provoca essa saudade.
São José escurece outra metade,
que o repente de Louro iluminou.

Pinto de Monteiro

Classificar os Batista,
eu posso perfeitamente:
Dimas é só mansidão
e no verso é consciente;
Otacílio é a Toada,
Lourival é o Repente.

Lourinaldo Vitorino

Lourival que teve tudo,
mas não fez conta de nada,
saiu como um meteoro,
percorrendo a madrugada,
desenhou o céu no chão
e adormeceu na calçada.

Anísio Lira

Louro, o mais velho dos três,
poeta naturalista,
na arte de repentista,
ninguém faz o que ele fez,
rimava com rapidez,
sem nunca sair do trilho,
sempre provava seu brilho,
com o verso improvisado,
ficou imortalizado,
como O Rei do Trocadilho.

Job Patriota

O autor da criação,
para construir o mundo,
não pensou só um segundo,
fez a maior construção,
sem precisar vergalhão,
armador nem carpinteiro,
sem servente, sem pedreiro,
sem cimento e sem concreto.
Deus o maior arquiteto
dos quadros do mundo inteiro.

Orlando Tejo

Penso, reflito, pressinto
que em todo tempo vindouro
ninguém vai superar Pinto,
nenhum fará sombra a Louro.

José Lopes Neto

Estão vendo essa velhinha
toda envolvida num manto,
com os olhos rasos d'água,
tomando banho de pranto ?
Cantava... Quando eu chorava;
hoje, chora quando eu canto.

Eu admiro demais
o trabalho duma aranha,
no seu tear invisível,
tanta beleza acompanha,
faz lençol da cor de neve
no coração da montanha.

Antônio de Catarina

O Carão, esta ave tão profeta,
habitante das matas do sertão,
sentiu falta da chuva no rincão,
ficou triste a sofrer como um poeta,
sem cantar sua vida é incompleta,
o fantasma da seca lhe apavora,
pesaroso partiu fora de hora,
antevendo um futuro tão sombrio;

O Carão que cantava em meu baixio
teve medo da seca e foi embora.

Zezo Patriota

Meu espírito não sossega,
com dívidas eu me espanto,
pago conta em todo canto
e devo em toda bodega,
quem deve conta e não nega
topa com que me topei,
tudo que tinha gastei,
com bodega e padaria.
Paguei mais do que devia,
devo mais do que paguei.

Canção

Árvore Morta

Foste tu velha braúna
a divisão da paisagem,
a gigantesca coluna
da natureza selvagem,
abrias tua ramagem
pelas tardes nevoentas,
as borrascas violentas,
nunca te causaram danos,
antes de trezentos anos
te açoitaram mil tormentas.

Esses teus grandes madeiros,
há uns cem anos passados,
se sacudiam maneiros,
cheios de viço e copados.
Em teus ramos delicados,
nas horas de arrebol,
o pequeno rouxinol
cantava com mais ternura.
Colhendo a doce frescura
das brisas do pôr-do-sol.

Das plantas foi a mais bela,
que entre a flora viveu,
quem sabe na vida dela,
quantos janeiros venceu,
depois murchou e morreu,

ficou dos ramos despida,
para o poente estendida,
sem verdura e sem beleza,
talvez que nesta tristeza
sinta saudades da vida.

Job Patriota

Ilusões, sonhos, quimeras, amores,
tudo tive na minha mocidade,
mas o tempo na sua tempestade
faz dos dias o que faz com as flores.

Fiz das horas os meus elevadores,
pra subir a montanha da idade,
de cujo cimo fitando a imensidade,
eu pensava viver com os condores.

Nessa triste ascensão de amargas horas
vi crepúsculos ao invés de ver auroras,
à velhice cheguei aos solavancos.

Nem mais vestígios das primeiras cenas,
por lembrança de tudo herdei apenas
branca coroa de cabelos brancos.

2 – Dimas

Dimas Batista Patriota nasceu no ano de 1921, na então Vila Umburanas, município de São José do Egito (PE). Dotado de uma inteligência privilegiada, depois de adulto, aos cinquenta anos de idade, se diplomou em letras clássicas na faculdade onde seria, depois, professor de língua portuguesa. Por tradição era conhecido como repentista, mas também foi considerado poeta culto, tradicional. Tinha grande conhecimento gramatical e vocabular do português, além de estudar outras línguas, como inglês, francês e espanhol.

Dimas também fez a sua primeira cantoria muito jovem, só com quinze anos de idade, na cidade de São José do Egito. O nome de Dimas Batista ganhou repercussão nacional quando cantou no Palácio do Catete, Rio de Janeiro, para o então Presidente Eurico Gaspar Dutra e deixou de bocas abertas a intelectualidade e os políticos da época. O belo timbre e uma voz melodiosa e forte, não supriu o necessário para ele sobreviver da arte. Dimas abandonou a viola e a cantoria, se casou e entrou para o comércio, fixando residência em Ibicuipeba (CE).

Certo dia Ariano Suassuna o desafiou para glosar o mote: Zé Américo de Almeida. O salvador do sertão – repto que Dimas superou com méritos:

Zé Américo de Almeida
O salvador do sertão

Trinta foi ano inconstante
Não houve nem fruta peco,
Trinta e um foi quase seco,
Trinta e dois foi torturante
Tostava a face no chão,
Surgiu, por Deus, um cristão
Combatendo a labareda:
Zé Américo de Almeida
O salvador do sertão.

Pois, este logo depois
Dirigiu um Ministério:
Não mais faltou refrigério
Na seca de trinta e dois.
Bacalhau, jabá, arroz,
Farinha, milho, feijão
Mandou pra população,
Até chita, mescla e seda
Zé Américo de Almeida
O salvador do sertão.

Matando a nudez e a fome
Da pobreza sertaneja
É justo que honrado seja
Pra sempre o seu santo nome.
Que onde ele chega, some
Toda espécie de aflição.
Glórias mil muitas lhe dão
E outras mais Jesus conceda
Zé Américo de Almeida
O salvador do sertão.

Vaqueiros e caçadores,
Tangerinos, boiadeiros,
Lenhadores e tropeiros,
Marchantes, agricultores,
Romeiros e cantadores
Desta inculta região
Conservam lembrança leda:
Zé Américo de Almeida
O salvador do sertão.

Quadrão Trocado

É no sangue, é no povo, é no tipo, é na raça,
É no riso, é no gozo, é no gosto, é na graça;
É no pão, é no doce, é no bolo, é na massa;
É na massa, é no bolo, é no doce, é no pão;
É cruzado, é vintém, é pataca, é tostão;
É tostão, é pataca, é vintém, é cruzado;
É quadrão, é quadrinha, é quadrilha, é quadrado;
É quadrado, é quadrilha, é quadrinha, é quadrão.

É na corda, é na ponta, é na volta, é no laço;
É no pulo, é no salto, é no chouto, é no passo;
É na unha, é no dedo, é na mão, é no braço;
É no braço, é na mão, é no dedo, é na unha;
É no brado, é no grito, é na voz, na canção.
Na canção, é na voz, é no grito, é no brado;
É quadrado, é quadrinha, é quadrilha, é quadrão;
É quadrão, é quadrilha, é quadrinha, é quadrado.

É no leste, é no oeste, é no sul, é no norte;
É no pouco, é no muito, é no fraco, é no forte;
É no berço, é na cova, é na vida, é na morte;
É criança, é menino, é rapaz, é ancião;
É estado, é cidade, é distrito, é nação.
É nação, é distrito, é cidade, é estado;
É quadrão, é quadrinha, é quadrilha, é quadrado;
É quadrado, é quadrilha, é quadrinha, é quadrado.

É pato, capote, é peru, é galinha
É no caibro, é na ripa, é na telha, é na linha;
É salão, é saleta, é despensa, é cozinha;
É cozinha, é despensa, é saleta, é salão.
É alpendre, é latada, é bodega, é pensão,
É casebre, é palácio, é castelo, é sobrado;
É quadrado, é quadrinha, é quadrilha, é quadrão,
É quadrão, é quadrilha, é quadrinha, é quadrado.

É no grito, é no assombro, é no susto, é no medo,
É na noite, é no dia, é na tarde, é no dedo;
É na briga, é na queixa, é na intriga, é no enredo,
É espada, é cacete, é punhal, é facão.
É revólver, é pistola, é bofete, empurrão,
É cadeia, é sentença, é juiz, é soldado;
É quadrão, é quadrinha, é quadrilha, é quadrado,
É quadrado, é quadrilha, é quadrinha, é quadrão.

Jesus, filho de Maria
I Parte - A infância do Salvador

Dedicado à Silvestre Alves da Silva

Ó sagrada onipotência
Dá-me inspiração dileta,
Pois sou um pobre poeta
Despido de inteligência.
Muito embora sem ciência
De História ou Teologia,
Pretendo, em fraca poesia,
Descrever todo o passado
Do Santo Verbo Encarnado
Jesus, Filho de Maria!

Quatro Evangelhos no mundo
Firmados na lei de Deus,
Primeiro, o de São Mateus,
De São Marcos, o segundo,
Sendo o terceiro, profundo,
Que São Lucas anuncia,
O quarto tem primazia,
Foi escrito por São João,
Que amava de coração
Jesus, Filho de Maria!

Uma Virgem Soberana,
Natural de Nazaré,
Esposa de São José,
Filha de Joaquim e Ana;
Dentre toda a raça humana,
Sendo Virgem, Pura e Pia,
Por Deus, escolhida, havia,
De ser a Mãe de Jesus,
Futuro mártir da cruz,
Jesus, Filho de Maria!

Entre os hebreus consagrados
Essas coisas foram ditas,
Nas verdades infinitas
Dos profetas inspirados!
Há muitos anos passados,
Afirmava a profecia,
Que, lá dos céus, desceria
Pra remir o mundo inteiro,

O Sacrossanto Cordeiro
Jesus, Filho de Maria!

Vindo da Santa Mansão
Gabriel desceu do espaço,
A vinte e cinco de março,
Dia da Anunciação!
Fez o anjo a saudação:
“Bendita és tu, Virgem Pia,
Deus a dizer-te, me envia,
Que, em teu ventre imaculado,
Gerar-se-á, sem pecado,
Jesus, Filho de Maria!”

Guardar sempre a virgindade
Maria a Deus prometeu
São José, esposo seu,
Também jurou castidade!
Mas a virgem de bondade
Que, santamente, vivia,
Dessa forma concebia
Por obra do Espírito Santo
Gerado estava, portanto,
Jesus, Filho de Maria!

Depois disso, nas montanhas,
A Santa Esposa Fiel
Foi visitar Isabel,
Já com Jesus nas entranhas
Chegando, foram tamanhas,
As sensações de alegria,
Que Isabel estremecia,
Vendo a mãe do Deus menino,
Bendito, Verbo Divino,
Jesus, Filho de Maria!

Dessa visita que fez,
Com três meses, regressava,
E, n’Ela, já se notava
Sintomas de gravidez!
Faltavam, no entanto, seis
Meses pra chegar o dia,
Em que d’Ela nasceria
Repleto de Luz e Fé,
Sem ser filho de José,
Jesus, Filho de Maria!

José encheu-se de espanto
Vendo Maria pejada!
E, ali sem dizer nada,
Ficou triste o esposo santo!
O seu ciúme foi tanto,
Que nem de noite dormia,
Pois São José não sabia
Desse mistério divino,
Que era gerado o menino
Jesus, Filho de Maria!

Assim, planejou, ciumento,
Sua esposa abandonar!
Mas veio um anjo avisar:
– José, não sejas violento;
Não faças mau pensamento,
Nem sofras melancolia:
Pois Deus mesmo é quem confia,
Dela, o mistério profundo,
Do qual surgirá, no mundo,
Jesus, Filho de Maria!

José, depois de avisado
Pelo enviado bendito,
Ficou triste muito aflito
Por ter, assim, censurado!
Indo viver consolado
Com divina regalia,
Pois, agora, conhecia,
Que a divina esposa virgem
Concebeu, por santa origem
Jesus, Filho de Maria!

César Augusto, o soberano,
Decretou, com fundamento,
Um geral recenseamento
Do grande império romano.
E, naquele mesmo ano
Esse édito se cumpria;
São José, que não sabia,
Foi lá, cumprir seu dever,
Onde havia de nascer
Jesus, Filho de Maria!

Maria fez a viagem
Para se recensear,
Já perto de descansar,

Ninguém lhe dava hospedagem!
São José fez estalagem
Numa pobre estrebaria,
Nessa humilde hospedaria,
Cheia de paz e pureza,
Nasceu, em plena pobreza,
Jesus, Filho de Maria!

Naquela gruta singela
Tão pobre, humilde e serena,
A Virgem Mãe nazarena
Deu à luz, ficou donzela,
São José, pertinho dela,
Imenso gosto sentia;
Enquanto alegre, sorria,
Na mais divina ternura,
Nos braços da Virgem pura
Jesus, Filho de Maria!

Os três magos do Oriente
Vieram adorar Jesus,
Guiados por uma luz
Duma estrela refulgente.
O astro pairando em frente,
Da escura gruta sombria,
Os Magos viram que havia,
De palha, um berço, no centro,
Onde, alegre, estava dentro,
Jesus, Filho de Maria!

Herodes foi informado
De haver, no reino, nascido,
O Messias Prometido,
O Salvador desejado!
E os Magos tendo chegado,
Herodes que os percebia,
Disse, fingindo alegria:
“Ide e vinde me informar,
Quero também adorar
Jesus, Filho de Maria!”

Quando os três Magos chegaram
Fizeram do seu tesouro,
O incenso, a mirra, o ouro,
Como oferta consagraram,
Prostrados, O adoraram,
Cheios de gosto e alegria;

Iam voltar no outro dia,
Com a glória de terem visto,
Rei Santo, Sagrado, Cristo,
Jesus, Filho de Maria!

Herodes fez mau juízo
De assassinar a criança;
Da projetada vingança,
Os Magos tiveram aviso.
Uma voz do Paraíso,
Aos três, em sonho, dizia:
“Regressai por outra via,
Que Herodes, pra se vingar,
Tem pretensão de matar
Jesus, Filho de Maria!”

Indo os Magos de regresso
Por caminho diferente,
Herodes, ao ser ciente,
De raiva ficou possesso!
E decretou, por excesso,
De bruta selvageria,
A morte dura e sombria
Das crianças de Belém,
A fim de matar também
Jesus, Filho de Maria!

Mas, por um anjo, foi dito,
Que por decreto divino,
José, Maria e o menino
Fugissem para o Egito.
Que Herodes, rei maldito,
Matar Jesus pretendia!
São José, em companhia
De sua fiel consorte,
Fugiu, livrando da morte,
Jesus, Filho de Maria!

Lá no Egito altaneiro,
Nação mui celebrizada,
Teve a Família Sagrada
Seu refúgio hospitaleiro,
Junto ao Nilo prazenteiro,
Gigante d’água bravia,
Que goza a supremacia
Doutros rios africanos,
Onde viveu sete anos,

Jesus, Filho de Maria!

São José já regressava,
Maria e Jesus também,
Não para Jerusalém,
Onde Arquelau dominava!
Pois esse príncipe odiava
Tudo que a Deus pertencia,
E, por isso, poderia,
Querer perseguir os três
Ou mesmo, matar, talvez
Jesus, Filho de Maria!

Jesus, Maria e José
Por ordem da Providência,
Fixaram residência
Numa casa, em Nazaré.
Viviam cheios de fé,
De paz, de amor, de harmonia;
A Luz da Sabedoria
Divina multiplicava
Mais a mais, iluminava,
Jesus, Filho de Maria!

São José, bom carpinteiro,
Trabalhava a toda hora;
Lutava Nossa Senhora
No seu serviço caseiro!
No tear o dia inteiro,
Belas túnicas tecia;
Diariamente se via,
Na tenda de Nazaré,
Ajudando a São José,
Jesus, Filho de Maria!

Com sábios e professores,
Certa vez, Jesus, no templo,
Do seu saber deu exemplo,
Discutindo com os doutores!
Calaram-se os demais senhores
E o povo, abismado, ouvia,
Frases de sabedoria
Jorravam dos lábios d'Ele,
Doze anos tinha Aquele
Jesus, Filho de Maria!

: 17/04/1966

3 - Otacílio

Otacílio Batista, o mais novo dos três irmãos, nasceu em 26 de Setembro de 1923 em São José do Egito (PE) e veio a participar de uma cantoria com 17 anos de idade, dai em diante nunca mais abandonou a poesia. Participou de cantorias com celebridades como o Cego Aderaldo e outros. Em mais de 50 anos de poesia popular, Otacílio conquistou vários festivais de cantadores realizados nos estado de Pernambuco, Ceará, Rio de Janeiro e São Paulo.

Otacílio Batista publicou os livros: "Poemas que o Povo Pede", "Rir Até Cair de Costas", "Poemas e Canções", "Antologia Ilustrada dos Cantadores" (em parceria com Francisco Linhares). Versos de Otacílio foram musicados e gravados por vários cantores, os mais famosos constam da canção "Mulher Nova Bonita e Carinhosa", musicada Zé Ramalho e gravada por Amelinha. A canção foi trilha sonora do filme Lampião, o Rei do Cangaço. Otacílio Batista Patriota morreu a 05 de agosto de 2003 em João Pessoa.

Discografia:

Cantador, verso e viola (1974) Rozemblit
Gigantes do improviso (1974) CBS
Verso, viola, verso (1975) Rosemblit
O Monstro sagrado do improviso (1978) Continental

Quando Otacílio morreu todo mundo fez homenagem.

Violas de Luto

Lourinaldo Vitorino , em 06/08/2003

As violas de luto soluçando
Dão adeus ao Bocage do repente,
Um fenômeno de arte, um expoente,
Que de cinco a seis décadas improvisando
Sua voz de trovão saiu rasgando
Modulando a palavra em cada nota
Pra cultura um nocaute, uma derrota,
Um desastre, uma perda, um golpe horrendo,
Enlutado o repente está perdendo
Otacílio Batista Patriota.

Para a arte esse gênio é o auxílio
Que Deus deu de presente a todos nós

Seu baião sonoroso e sua voz
Soam agora no túmulo de Hercílio,
Com certeza a figura de Otacílio
Nesse instante viaja em cada mente
Num cordel de estrelas reluzente
Com seu porte de oficial romano
Qual a John Wayne no Oeste americano
Firme, austero, implacável e surpreendente.

Na arena do verso improvisado
Otacílio passou por toda a prova
Enfrentou Zé Faustino Vilanova,
A caneta estratégica do passado,
Quando Pinto se impôs, foi consagrado,
Duelando com Dimas e Hercílio
A viola era o único utensílio
Que usava no palco esse gigante
Seu revólver era o verso fulminante
Que impunha a grandeza de Otacílio.

O repente sem Otacílio chora,
As viloas de luto cantam e tremem,
As sextilhas satíricas clamam e gemem,
Os sertões no silêncio nesta hora
Ouvem o povo que angustiado implora,
Que Deus abra o portão do céu divino,
E que São Pedro soluce e toque o sino
Que a terra chorando viu perder
Um brilhante, importante ser,
Condutor do repente nordestino.

Bráulio Tavares

Numa nuvem do Céu que tem escrito
“Botequim da Poesia Brasileira”,
Otacílio chegou, puxou cadeira,
e encostou na parede do Infinito.
Na plateia se ouvia palma e grito,
vi até Jesus Cristo assobiando,
Otacílio, a viola ponteando,
se juntou ao baião de Louro e Dimas,
num dilúvio de glosas e de rimas...
A trindade no Céu está cantando.

Estrofes de Otacílio Batista:

Seis Poetas geniais

honram da poesia o manto,
seis estrelas divinais,
que o mundo admira tanto:
Dante, Camões e Virgílio,
Louro, Dimas e Otacílio,
Não morrem, mudam de canto.

Este livro dedicado
aos três irmãos cantadores,
foi por Deus abençoado
lá no Pajeú das Flores,
numa pequena cidade,
berço da imortalidade,
de uma beleza sem fim,
dos poetas sonhadores,
naturais de Itapetim,
do mais puro domicílio,
Louro, Dimas e Otacílio.

****

Antologia

Mulher Nova Bonita e carinhosa

(Otacílio Batista e Zé Ramalho)

Numa luta de gregos e troianos
Por Helena, a mulher de Menelau
Conta a história que um cavalo de pau
Terminava uma guerra de dez anos
Menelau, o maior dos espartanos
Venceu Paris, o grande sedutor
Humilhando a família de Heitor
Em defesa da honra caprichosa
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor.

A mulher tem na face dois brilhantes
Condutores fiéis do seu destino
Quem não ama o sorriso feminino
Desconhece a poesia de Cervantes
A bravura dos grandes navegantes
Enfrentando a procela em seu furor
Se não fosse a mulher mimosa flor
A história seria mentirosa
Mulher nova, bonita e carinhosa

Faz o homem gemer sem sentir dor.

Virgulino Ferreira, o Lampião
Bandoleiro das selvas nordestinas
Sem temer a perigos nem ruínas
Foi o rei do cangaço no Sertão
Mas um dia sentiu no coração
O feitiço atrativo do amor
A mulata da terra do condor
Dominava uma fera perigosa
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor.

Versos a meus filhos

Rafa, o seu sorriso
Transforma o meu viver
Minha vida tem sentido
Eu deixo transparecer
O amor e a amizade
Que eu sinto por você

Julie, é uma flor
Que brotou no meu jardim
È minha filha amada
Guardada dentro de mim
Estarei juntinho dela
Do começo até o fim.

Saulinho, o meu Amor
Por você é imortal
Não viverei sem você
Isso pra mim é fatal
Conte sempre com seu Pai
Pois você é o meu Sal.

Caína, minha neném
É amor é alegria
É o Sol do meu caminho
Clareando o meu dia
Não enxergo minha vida
Sem a sua companhia.

Versos a Minha Mãe

Mãe deixou muita saudade
E levou o seu amor

Demonstrou o seu valor
Na sua simplicidade
Falava sempre a verdade
Com toda sua emoção
Doava de coração
Tudo que Jesus lhe deu
A bela flor de algodão
Entre o carnaubal se ergueu
Se espalhou, se fez Rosina
No solo que lhe acolheu.

Apesar de tão sofrida
Era pessoa serena
Na sua vida terrena
Era forte, decidida.
Atuante, prevenida.
E tinha muita ação
Do grande profeta João
Falava tudo que leu
A bela flor de algodão
Entre o carnaubal se ergueu
Se espalhou, se fez Rosina
No solo que lhe acolheu.

Veio então o casamento
Na sua plena juventude
Ela demonstrou virtude
Na voz do seu juramento
Tinha pois conhecimento
Da sua grande paixão
Com toda convicção
Que isso tudo lhe valeu

A bela flor de algodão
Entre o carnaubal se ergueu
Se espalhou, se fez Rosina
No solo que lhe acolheu.
Onze filhos bem criados
Por uma mãe dedicada
Cuidava da meninada
Éramos mesmo bem cuidados
Fomos todos muito amados
No seu grande coração
E não havia distinção
Nos filhos que Deus lhe deu
A bela flor de algodão
Entre o carnaubal se ergueu

Se espalhou, se fez Rosina
No solo que lhe acolheu.

Ao lado do seu marido
Mulher, também provedora
Como jovem professora
Seu sonho foi perseguido
Pai era reconhecido
Das Capitais ao Sertão
Ganhava pouco tostão
Pois para cantar nasceu
A bela flor de algodão
Entre o carnaubal se ergueu
Se espalhou, se fez Rosina
No solo que lhe acolheu.

Hoje guardo na lembrança
O seu rosto de ternura
Além da sua alma pura
Parecendo uma criança
Eu sentia confiança
Ao pegar em sua mão
E não tinha aflição
Quando estava ao lado seu
A bela flor de algodão
Entre o carnaubal se ergueu
Se espalhou, se fez Rosina
No solo que lhe acolheu.

Lua divina

Lua divina, peregrina e feiticeira,
Tão brasileira como não tem outra igual,
Angelical pela sua formosura
E noiva pura dos poetas do sertão,
Não tenho lar nem esposas nem carinho,
Nem um filhinho a quem dê meu coração,
E por viver sem prazer e tão sozinho
A ti ó lua dediquei essa canção.

Apelo ao Papa

Fiz da santa poesia a mensageira
Da pobreza mais pobre do país,
É pequeno o poeta que não diz
Quando sofre a criança brasileira
Ninguém pode viver dessa maneira

Sem um teto, sem lar, sem pão, sem nome:
Quem é filho de rico bebe e come,
Quem é filho de pobre não escapa,
As crianças sem papa pedem ao Papa
Santo Papa dê papa a quem tem fome.

O poeta

A virtude é o caminho do amor,
Sem o amor deste mundo, o que seria?
A matéria sem luz não tem valor,
Ninguém vive sem Deus em companhia...
A poesia é o jardim do Criador,
O jardim do poeta é a poesia.

O poeta e o passarinho

O poeta e o passarinho
são ricos de inteligência
simples como a natureza
eternos como a ciência
estrelas da liberdade
peregrinos da inocência.

Herdeiros da providência,
um no chão, outro voando,
um pena com tanta pena,
outro sem pena penando,
um canta cheio de pena,
outro sem pena cantando.

O poeta sofre quando
vê um pobre passarinho
nas grades de uma gaiola
sem ter direito a seu ninho
são iguais no sofrimento
o poeta e o passarinho.

O poeta afina o pinho
no viveiro da garganta
o passarinho poeta
por entre as folhas da planta
sem viola metro e rima
só Deus sabe o que ele canta.

Do poeta a musa é santa

santa musa da poesia
passarinho canta e voa
no espaço rodopia
faz ziguezigue no corpo
brincando com a ventania.

Ao romper de um novo dia
o passarinho gorjeia
canta o poeta a saudade
no clarão da lua cheia
faz da viola um piano
da garganta uma sereia.

O poeta traz na veia
os segredos do além
quando canta de improviso
não pergunta de onde vem
o poeta e o passarinho
não sabem o valor que tem.

O poeta vive sem
ódio, maldade e rancor,
ainda sendo traído
erdoa o seu traidor,
canta alegre o passarinho
sublimes canções de amor.

O poeta e o beija-flor
ambos vivem sem ciúme
um que canta, outro que voa
da planície ao alto cume,
um de versos perfumado
outro colhendo o perfume.

Nas camadas do verdume
o passarinho vegeta
não disse nem a metade
dessa dupla tão completa,
do poeta ser humano
do passarinho poeta.

Não ofenda a Natureza

Não ofenda a natureza,
inocente e sem maldade,
a dona do pão da mesa,
coração da humanidade.

Em nome da consciência,
deixa a natureza em paz,
verde fonte da inocência,
mãe de todos os mortais.

Apelo

Apelo para vocês,
em nome de quem não erra,
vamos salvar dessa vez
o organismo da terra:
mares, rios, cataratas,
serras, colinas e matas.
Toda essa imensa grandeza,
pouca gente compreende
que a vida humana depende
do pulmão da natureza.

Coisas do Sertão

Ao romper da madrugada,
um vento manso desliza,
mis tarde ao sopro d brisa,
ai voando a passarada.
Uma tocha avermelhada
aparece lentamente,
na janela do nascente,
saudando o romper da aurora,
no sertão que a gente mora,
mora o coração da gente.

O cantador violeiro
longe da terra querida,
sente um vazio na vida,
tornando prisioneiro,
olha o pinho companheiro,
aí começa a tocar,
tem vontade de cantar,
mas lhe falta inspiração.
Que a saudade do sertão
faz o poeta chorar.

O corpo da mulher nua

A mulher com a natureza
nasceram com a mesma sina,

sem elas o pão da mesa
nos lares se contamina.
A roupa esconde a beleza
da beleza feminina.

Não há planta que floresça
quando a seca não recua,
não há poeta que cresça
jogando pedras na lua,
nem há roupa que mereça
o corpo da mulher nua.

Velho, caduco e doente,
cambaleando na rua,
diante de mulher nua,
em dor de cabeça sente.
O passarinho inocente
abre as asas do passado,
ergue o pescoço furado,
mergulha naquela planta.
Mulher pelada levanta
salário de aposentado.

IV

Antologia de Canções

Recordação de vaqueiro

Autor: João da Silveira

Sertão pedaço de ouro
Que trago dentro do peito
Eu só fico satisfeito
Lembrando meu pé de serra
Açudes e enxurradas
As noites enluaradas
E o riso das namoradas
Que deixei na minha terra.

Dos 15 aos 60 anos
Trabalhei muito com gado
Continuo apaixonado
Por tudo quanto é Sertão
Desde minha mocidade
Pelejo sem vaidade

Só alimento saudade
Por festa de apartação.

Quando eu vejo um vaqueiro
Montado em seu alazão
Perneira boa e gibão
E uma Suzana alinhada
Joga-se para um boiato
Sem temer pedras nem mato
Pareço ver o retrato
Da minha terra estimada.

Eu boto cavalo em boi
Que a terra foge do eixo
Ferro na tábua do queixo
Boto abaixo e serro as pontas
Seja touro ou barbatão
Amarro levo ao mourão
Do gado do meu patrão
Eu sei prestar boas contas.

Fui um vaqueiro invejado
Lutei em muitas fazendas
Soube zelar minhas tendas
E aos patrões dei prazer
Já hoje velho e cansado
Esquecido e desprezado
Lembrando as festas de gado
Eu levo a vida a roer.

Possuí muitos cavalos
Asa-Branca e Guarani
Flexa-peixe e Buriti
Riso do Ano e Palmeira
Palmeira em pé de Mourão
Foi o melhor do sertão
Tido como campeão
Em toda minha fronteira.

O tempo foi se passando
Não há mais gado comum
Nem existe prazer nenhum
Em quem recorda esse drama
Nas secas que sucederam
Meus bons cavalos morreram
Também desapareceram
Muitos vaqueiros de fama.

Recordo o gado comum
Que era tão corredor
Um gado de mais amor
E o leite mais saboroso
O gado de hoje é raçado
Manhoso muito acuado
E cavalo bom de gado
Também é muito custoso.

Remontei cercas de pedras
Fiz cercas de pau a pique
Queimei muito xique-xique
Para forragem de gado
E ao amanhecer do dia
Desleitava a vacaria
E alegre conduzia
As reses a outro cercado.

Eu tenho como relíquias
Chapéu de couro e gibão
As esporas e o bridão
E o meu chocalho de sela
Guardei tudo direitinho
Lá em casa num cantinho
Para recordar sozinho
Da luta que vivi dela.

Das minhas grandes vitórias
Entre pessoas amigas
Das vaquejadas antigas
Tenho medalhas guardadas
Taças, retratos, cartões
Guardo entre as emoções
Minhas condecorações
Das antigas vaquejadas.

Adeus prezados vaqueiros
Adeus morenas dengosas
Adeus lourinhas mimosas
Tão cheias de vaidade
Adeus minha mocidade
Quem mais lembra é quem mais sofre
Fiz do coração um cofre
Para guardar minha saudade.

Nas portas dos cabarés

Autor: Antônio Lídio Faustino

Eu estava cantando em Goiânia
na casa de um amigo
quando u'a mulher mundana
chegou para falar comigo
as lágrimas banhando o rosto
disse cheia de desgosto
sei que um poeta tu és
por Deus me escreve um poema
relativo ao meu dilema
nas portas dos cabarés.

Deixei a casa paterna
com quinze anos de idade
para viver na baderna
de escândalo e vaidade
empregada nos balcões
das mais riquíssimas pensões
por botequins e hotéis
na mais importante orgia
sem saber que ainda caía
nas portas dos cabarés.

Comecei andar no trato
só usava o que era bom
sabonete, pó, extrato
ruge, lavanda e batom
vestidos e sapatos bons
colar de ouro e cordões
relógio caro e anéis
a vida dava prazer
nem pensava de sofrer
nas portas dos cabarés.

O tempo foi se passando
levando a minha beleza
foram tudo se passando
o que eu tinha de riqueza
perdi até o sossego
ninguém mais me deu emprego
nem sapato para meus pés
acabou-se as fantasias
e vim terminar meus dias
nas portas dos cabarés.

De chorar tenho razão
sem ter de meus pais notícia
por pai, por mãe, por irmão
tenho somente a polícia
a cadeia é o meu prédio
aguardente é o meu remédio
sou mulher de mais de dez
enquanto a minha existência
vou sofrer com paciência
nas portas dos cabarés.

Oh se eu achasse um recurso
para sair desta miséria
porque vivo aqui a pulso
vendendo a minha matéria
os cabras mais ruins do mundo
maloqueiro e vagabundo
dão-me até de pontapés
um sofrer incomparável
duma pobre miserável
nas portas dos cabarés.

Oh Maria Madalena
já que foste sofredora
só é quem pode ter pena
duma pobre pecadora
desobedeci meus pais
agora peço a São Braz
a São Pedro e a São Moisés
que suas portas destranquem
com suas forças me arranquem
das portas dos cabarés.

Já terminei de contar
em lágrimas toda banhada
para qualquer me escutar
seja solteira ou casada
as solteiras que quiserem
as casadas que tiverem
esposos bons e fiéis
cada qual honre o marido
veja o que eu tenho sofrido
nas portas dos cabarés.

Amor Materno

Autor: José Gonçalves

Inspirai-me Musa Santa
Pelo menos um segundo
Para descrever com calma
Um amor puro e profundo
A quem quero referir-me
É a minha mãe querida
Descrever algo da vida
Do ser que me trouxe ao mundo.

Já cantei trovas de amor
De ilusão e saudade
Decantei mágoas alheias
Por questão de amizade
Vou referir-me a um amor
Dos outros bem diferente
Quero exaltar o vivente
Que ama sem falsidade.

É a mãe o ser que mais ama
De alma e coração
Se acaso o filho erra
Só ela dá-lhe o perdão
Por mais ingrato que seja
Ela não o deixa a toa
Abraça o filho e perdoa
A mais negra ingratidão.

Se é que o filho erra
A mamãe lhe compreende
Mesmo tomada de mágoas
O filho chama ela atende
Sente a alma ferida
Quando um parente abusa
O pai com raiva lhe acusa
E a mãe chorando o defende.

Se o filho sai de casa
Seja só ou com alguém
Ela medita consigo
Saiu meu filho meu bem
Chora anda pensa e reza
Não há nada que a conforme
Pobre coitada não dorme

Enquanto o filho não vem.

Se acaso está distante
O filho que Deus lhe deu
Sem ter notícia ela diz
Que é feito do filho meu
Será que é vivo ou morto
Põe sobre a mão um rosário
E em frente ao Santuário
Reza para o filho seu.

O filho é farrista e sai
Deixa a pobre mãe sentindo
Volta alta madrugada
Só ela não está dormindo
Bate na porta ela abre
Ao vê-lo foge o desgosto
O pranto banhando o rosto
E os meigos lábios sorrindo.

O filho não avalia
O quanto uma mãe padece
Quando o filho está doente
Ela ao lado permanece
Todos dormem e ela fica
Ao lado do travesseiro
Mas este amor verdadeiro
É raro quem reconhece.

Se acaso o filho vai preso
Eia sai pela cidade
Batendo de porta em porta
Ocupando autoridade
Se ninguém tirar seu filho
Daquela triste enxovia
Por seu gosto ficaria
Cem ele ao pé da grade.

Bondosa querida mãe
És do filho a protetora
Se vê o seu filho triste
És tu a consoladora
O filho não avalia
As negras dores que sentes
Entre todos os viventes
Tu és a mais sofredora.

Oh! Santa querida mãe
Guardas na alma o retrato
Do filho por quem sofreste
Angústia dor e maltrato
E eu sem compreender
O que estavas sofrendo
A agora que estou sabendo
O quanto fui filho ingrato.

Oh! mãe teu sincero amor
É sincero e não tem fim
Envio-te estes versos
Que estou cantante assim
São arrancados do peito
Com dores e nostalgias
Em paga das agonias
Que padecestes por mim.

Cabana abandonada

Autor: Mario Luiz

Eu ia numa estrada
Em uma mata fechada
Um casebre avistei
Naquele pobre ambiente
Pensei que morava gente
Para lá me aproximei.

Quando cheguei no terreiro
Vi demolido o chiqueiro
E o poleiro pendido
O quintal cheio de mato
E por causa do mau trato
O portão tinha caído.

Tinha uma porta quebrada
A outra desapregada
Senti uma emoção
Encontrei uma janela
Sem ferrolho e taramela
E uma chave no chão.

A coberta de capim
Já tinha levado fim
Conduzida pelo vento
Tinha parede estragada

A cumeeira ocada
Cupim fazendo aposento.

Não sei porque o seu dono
Deixou ela em abandono
Foi morar em outro lugar
Talvez seja a sequidão
Que fez este cidadão
Esta casa abandonar.

Vi os trapos duma rede
Lagartixa na parede
E mangangá buzinando
Um cortiço sem abelha
Num caco velho de telha
Uma aranha teiando.

Tinha o cabo de um chicote
Um pedaço de serrote
A roda dum cultivador
A metade de uma enxada
Sinal que aquela morada
Foi de um trabalhador.

Achei correia de cela
Um couro uma fivela
E um pedaço de cia
Uma capa de cangalha
E um cabo de navalha
O resto duma bacia.

Um pedaço de pilão
Uma boca de fogão
A mola dum cravinote
A bainha duma faca
A máscara de uma vaca
Um resto de cabeçote.

Deixei aquela cabana
Coberta de jitirana
Parecendo uma latada
Para provar o que vi
Para você escrevi
Cabana Abandonada.

Mamãe e Papai

Autor: Otacílio Batista

Oh mamãe querida
Tu és minha vida
Minha doce guarida
Meu santo presente
Teu riso amoroso
Meu pranto acabou
Se sou o que sou
Devo a ti somente.

Querido Papai
Que tanto me atrai
Teu nome não sai
Do meu coração
Cresci ao teu lado
Mirando os espelhos
Dos santos conselhos
Não esqueço não.

Mamãe carinhosa
Joia primorosa
A mais linda rosa
Que a roseira tem
Sacrário do amor
Mulher quase santa
Imaculada planta
Semente do bem.

Papai velho amigo
Em qualquer perigo
Estarás comigo
Na vida e na morte
O pai é do filho
A felicidade
Não há tempestade
Que o pai não suporte.

Querida mãezinha
Doente velhinha
Cabeleira alvinha
Parecendo um véu
Chorando ou sorrindo
Tem tanta beleza
Retrata a pureza

Dos anjos do céu.

De noite ou de dia
Papai é o guia
De mim que seria
Sem ele e sem ela
Tudo quanto eu quero
Mamãe advinha
Quanto mais velhinha
Mais linda e mais bela.

Mamãe teu amor
Tem tanto esplendor
Teu beijo de flor
Transborda alegria
Quando estás rezando
Diante a Jesus
O mártir da cruz
Pensa que és Maria.

Meu papai amado
Teu nome é sagrado
Por mim adorado
Tu és meu juiz
Disse o criador
No monte Sinai
Respeita o teu pai
Que serás feliz.

A mãe de Jesus
Ao vê-lo na cruz
Dos olhos azuis
O pranto corria
Que tanta tristeza
Saudade e Amor
Entre o salvador
E a virgem Maria.

Fiz estes versinhos
Quando os passarinhos
Cantavam em seus ninhos
Para os meus papais
Mamãe é Rainha
Papai é o Rei
Dos dois eu não sei
De quem gosto mais.

A carta do vaqueiro ao povo do norte

Autor: Olegário Fernandes da Silva

Eu deixei o nosso norte
Pensando que ia feliz
Mais estou é escravizado
Dentro do Sul do país
Tudo isso é quem escuta
Conversa que o outro diz.

Disseram que em São Paulo
Ia enricar de repente
Mas tenho é sofrido muito
Passando fome e doente
Nas unhas do capataz
Que são igual à serpente.

São Paulo Brasília e Rio
Isto é uma ilusão
Que o pessoal do norte
Botou na santa visão
Aqui só tem é garoa
Capataz e tubarão.

E aqui no sul só presta
Para este povo enrolão
Que compra tudo fiado
No nome da Prestação
E vão embora para o norte
Deixando o outro na mão.

Mas pobre aventureiro
Que não tem uma estria
Na unha do tubarão
Sofre de noite a dia
E nunca arranja um vintém
Que mande para família.

Quando eles voltam ao norte
É dizendo que são homem
Chega falando estrangeiro
Tirando a letra do nome
Aqui é Cabeça Chata
Bucho Verde e Passa Fome.

Já faz três noites que sonho

Com minha filha querida
E minha esposa também
Dentro de minha guarida
Me acordo estou sozinho
É um acabar de vida.

Tenho sonhado bastante
Com a vaca Lavandeira
Em sonho eu aboio assim
És uma vaca fagueira
Tem os quatro mocotós brancos
E és bonita e leiteira.

Eu morro e não vejo mais
A quem tanto eu quero bem
A minha filha querida
A minha esposa também
Eu lá nunca posso ir
E elas aqui nunca vem.

E nesta carta tristonha
O último adeus eu dou
Adeus pai adeus padrinho
Adeus irmãos adeus avô
Adeus mulher adeus filha
Porque lá eu nunca vou.

Adeus do filho querido

Autor: Expedito Sobrinho

Adeus meus queridos Pais
Meus Irmãos e minhas manas
Meus Amigos e Amigas
Matutas e Pracianas
Que eu vou passar ausente
De vocês muitas semanas.

Mamãe me bote uma bênção
Papai me abençoe também
Os meus Irmãos me desculpem
Se aborreci alguém
Que agente que vai embora
Não sabe quando é que vem.

Mamãe zele minha rede
Que toda noite eu dormia

Papai zele meu cavalo
E minha cela macia
Que se eu não morrer por lá
Ainda voltarei um dia.

Mamãe rogue a Deus por mim
Que amanhã vou embora
A passagem está comprada
Não posso mais ter demora
Vou trabalhar para meus manos
Para papai e para senhora.

Em São Paulo eu não esqueço
De todos meus camaradas
Das chuvadas do Nordeste
Das primeiras trovoadas
Dos banhos das pescarias
Cantorias e vaquejadas.

S eu tivesse um emprego
Como muita gente tem
Não deixaria meu Norte
Por São Paulo de ninguém
Mas é que sou obrigado
Deixar quem eu quero bem.

Para minha querida amada
Deixo a minha despedida
Um beijo e um forte abraço
Como sinal de partida
Só é o que posso dar
A você minha querida.

Quando o ônibus for saindo
Eu me sento na cadeira
Lembrando alguns cafunés
Que mãe me deu na moleira
A poeira da saudade
Me assanhando a cabeleira.

Na saída do transporte
Boto o braço na janela
Lã na curva da estrada
Aceno para mamãe bela
Para papai e para meus manos
E a jovem que gosto dela.

Eu sou um filho querido
Que parto triste a chorar
Vocês choram porque fico
Eu choro por não ficar
Adeus, adeus, até quando
Jesus do céu me ajudar.

A vaquejada do Sertão

Autor: João Alexandre

Quando é no mês de novembro
dando a primeira chuvada
reúne-se a vaqueirama
em frente à casa caiada
vão olhar no campo vasto
se a rama já está fechada.

O vaqueiro da fazenda
é quem se monta primeiro
em um cavalo amarelo
calçado e muito ligeiro
vai ao campo pensando
na filha do fazendeiro.

Corre dentro da caatinga
rolando em cima da sela
se desviando de espinhos
unha de gato e favela
apoia em versos falando
na beleza da donzela.

Assim aboia o vaqueiro:
eh, vaca mansa bonita
tem no lugar do chocalho
um belo laço de fita
teu nome é Rosa do Prado
os Mimos de Carmelita.

Quando se juntam os vaqueiros
em frente à casa caiada
um cabra de voz bonita
sai cantando uma toada
que a filha do fazendeiro
fica logo apaixonada.

Carmelita quando vê

o seu amor verdadeiro
todo vestido de couro
começa no desespero
mamãe deixa eu ir embora
na garupa do vaqueiro.

O vaqueiro adoecendo
bota seus couros na cama
pelo mato o gado berra
como quem por ele chama
na porteira do curral
berra toda a bezerrama.

Diz ele: quando eu morrer
coloquem no meu caixão
meu uniforme de couro
perneira, chapéu, gibão
pra eu brincar com São Pedro
nas festas de apartação.

Não esqueçam de botar
as esporas e o chapéu
o retrato do cavalo
que sempre chamei Xexéu
pra eu brincar com São Pedro
nas vaquejadas do Céu.

Termino me despedindo
das serras dos tabuleiros
dos grotilhões das chapadas
dos baixios e dos oiteiros
dos currais e das bebidas
de todos os bons vaqueiros.

Recado de Amor

Autor: José Guri do Coco

Dia da fogueira véspera de São João
eu fui a um leilão em barra do dia
quando eu cheguei lá um alguém
me olhou me simpatizou
com muita alegria.

Mandou um garoto avisar a mim
diga a ele que eu gostei dele
quando ele ir ao botequim

esperar por mim
para eu falar com ele.

Chegou o garoto e disse seu Zé
venha ver quem é aquela donzela
mandou dizer a você por mim
que no botequim
esperasse ela.

Eu dei uma prata ao garotinho
saí ligeirinho cheio de prazer
me disse a jovem com simplicidade
eu tinha vontade
de te conhecer.

Aquele garoto que deu o recado
e acostumado ouvir seu cantar
você é solteiro dissera ali
eu chamei para que
para nós se amar.

Eu disse garota enquanto eu puder
e você quiser ser minha amada
a festa está boa
está indo e voltando
só estava faltando uma namorada.

Chegou um rapaz que era irmão dela
e falou para ela o teu namorado
se ele é solteiro
ninguém tá sabendo
é se parecendo um homem casado.

Expulsou a moça de perto de mim
ficou foi ruim sem o bem querer
num lugar estranho
e alguém me marcando
eu fiquei pensando o que ia fazer.

A moça outra vez mandou com agrado
um novo recado pelo garotinho
e diga a meu amor que arrudei por lá
e venha para cá
e não fique sozinho.

Mas saia escondido lá do botequim
naquele jardim vá me esperar

fuja do meu mano
saia escondido
pode ir prevenido para nós se amar.

O garotinho já me conhecia
o rapaz não sabia de onde surgiu
eu fui pro jardim,
beijei Rosa Maria
amanhecendo o dia e ela não me viu.

Dedico o poema a homem e mulher
e a quem quiser amar cantador
e quem me amar vá se procedendo
que eu vou recebendo
Recado de Amor.

Canção das Mães

Autor: Pedro Bandeira

Todos poetas falam das mães prediletas
E nós poetas temos sentimentos iguais
E sobre Mãe quanto mais a gente escreve
É que se deve escrever e cantar mais.

Mãe é pastora que apascenta seu rebanho
É sem tamanho o amor que a Mãe tem
Não se distingue o seu amor por filho ou filha
Chora se humilha e padece eternamente.

Se por acaso sua filha está perdida
A Mãe querida de contar ao pai tem medo
Por mais errada que a sua filha esteja
A mãe lhe beija e oculta seu segredo.

O pai pergunta porque a filha está triste
A mãe resiste a pergunta que faz
Guarda segredo para não causar-lhe afronta
Sabe e não conta para não vê-la sofrer mais.

Se a filha casa não dá certo com quem casa
Volta para casa conta tudo a Mamãezinha
O esposo deixa o primo enjeita o pai descara
A mãe ampara com o mesmo amor que tinha.

Se tem um filho que ainda está solteiro
Pede dinheiro ao pai ele não dá

A mãe espera que dê sono ao marido
Tira escondido e dá ao filho para gastar.

Se outro filho pelo mundo desgarrou-se
Ou acabou-se na virada do transporte
Vem uma carta a Mãe lê até no maio
Bota no seio e vai prantear a sua morte.

Esta canção ofereço a todas as Mães
Que são irmãs no sofrimento e na prece
É tanto amor que ninguém sabe entender
Não há quem dê o valor que a mãe merece.

A última carta

Autor: Louro Branco

Amor ausente ingrato
Me faça a grata fineza
De ler a Última Carta
Que fiz com tanta firmeza
A força do teu Amor
Obrigou minha fraqueza.

Já escrevi várias cartas
Chorando triste sem plano
Não obtive resposta
Se tive faz mais de ano
Se durmo sonho com mágoa
Na cama do desengano.

Quebraste completamente
A jura que me fizeste
Hoje só resta lembrança
Das coisas que me disseste
As lágrimas banhando a mancha
Dos beijos que tu me deste.

Teu retrato permanece
Nas palmas da minha mão
Só tenho a fotografia
Me falta o teu coração
Mas teu retrato eu deixo
Sem mancha de ingratidão.

Minhas cartas rasgue e queime
A minha fotografia

O teu retrato eu conduzo
O símbolo da grosseria
Para me servir de lembrança
Que eu fui feliz um dia.

Tenho fé em Deus que um dia
Teu novo amor te aborrece
Tu abandona e não procura
Te ver faz que não conhece
Para saberes quanto custa
Desprezar quem não merece.

Jesus te aplicando dores
Uns 5 anos ou 6
Matando o corpo e queimando
A alma um ano e um mês
Ainda não paga um quarto
Do mal que você me fez.

Mas ainda te perdeu
Da ingratidão sem fim
Eu queria te livrar
Das mãos de um lobo Caim
Não irás para o inferno
Pelo que fizeste a mim.

Meu bem eu te perdôo
Nada mais tenho a dizer
Entrego a Deus nosso pai
Que tudo pode fazer
Protege quem é humilde
Castiga a quem merecer.

Desejo felicidade
Para tu e para quem te quis
Peço não desejares mal
A quem foi tão infeliz
No fim desculpe os agravos
Da Última Carta que fiz.

Resposta a Última Carta

Autor: Pedro Bandeira

Meu amor neste momento
Fecho as cortinas da sala
Tiro a caneta do bolso

Papel e tinta da mala
Para responder tua carta
Por um coração que fala.

São 12 horas da noite
Ninguém aqui está me vendo
O grilo canta na telha
A lua nasce tremendo
O silêncio é testemunho
Do que estou escrevendo.

Ao responder tua carta
Não posso me controlar
A lágrima borra o papel
A caneta quer falhar
Só não vai lágrimas na mesma
Porque não posso mandar.

A cor branca da saudade
Domina meu ambiente
Sem teu braço macio
Sem o teu beijinho quente
Parece o fim de romance
Para quem tem amor ausente.

Tu dizes que me espera
Pede para sonhar comigo
Eu aqui padeço mais
Solitário em meu abrigo
Meu único consolo é quando
Durmo sonhando contigo.

Ligado a esta resposta
Eu te envio um retrato
Com meu rosto escaveirado
Tristonho pálido sem trato
Para que tu compartilhes
Do meu tremendo maltrato.

Nas costas deste retrato
Vai o meu novo endereço
Tu dizes a mim que padeces
Confirmo mas reconheço
Que não padeces um quarto
Da solidão que padeço.

Ambos que somos Católicos

E em Jesus temos Fé
Com suas preces de amor
O seu santo é São José
E o meu é São Francisco
Da Matriz do Canindé.

Minhas noites são de sonhos
Parece não ter mais fim
Esqueci o que sabia
E martirizado assim
Só sei decorar as cartas
Que tu mandas para mim.

Aqui suspendo a caneta
Depondo em Deus confiança
A ti vai mais uma carta
Com meu algo de lembrança
E de ver-te brevemente
É esta minha esperança.

Te mando mais um abraço
Na resposta que compus
Fecho as cortinas da porta
Rezo e apago a luz
Me deito resignado
De coração conformado
Tendo o perdão de Jesus.

Canção do filho abandonado

Autor: Francisco Bezerra (Chiquinho)

Sei que tem gente que sofre
dores, tormento, tortura
não há uma criatura
que sofra igualmente a eu
sou um filho abandonado
que vive na desventura
começou minha amargura
desde que mamãe morreu.

Quando eu tinha 12 anos
a minha mãe de bondade
baixou a eternidade
deu-me adeus por despedida
depois que mamãe morreu
começou o meu maltrato

choro beijando o retrato
de minha mamãe querida.

Quando avistei mamãe morta
no caixão amortalhada
beijei sua face gelada
chorei sem consolação
sentado ao lado dela
sentia a todo momento
a seta do sofrimento
furando meu coração.

Quando não agüento mais
devido tanta amargura
vou até a sepultura
onde mamãe está morando
chego avisto a cruz dela
beijo mas não me consolo
me debruço sobre o solo
manheço o dia chorando.

É grande a minha tristeza
em viver no abandono
vou dormir não tenho sono
fico rolando na cama
parece que estou ouvindo
mamãe falando baixinho
dorme-dorme meu filhinho
tua mãe ainda te ama.

Quando não suporto mais
devido tanta saudade
saio andando na cidade
sozinho sem companheiro
pensando em mamãe querida
vai o dia a noite vem
e não encontro ninguém
que de mamãe dê roteiro.

Quando é dia de finado
vou até a cova dela
em cima acendo uma vela
mas sem ter prazer na vida
depois dali me levanto
deixo a velinha queimando
volto para casa chorando
pensando em mamãe querida.

Estou esperando o dia
de fazer minha partida
para beijar mamãe querida
estou louco de saudade
e quando chegar o dia
de Jesus tirar-me a vida
vou beijar mamãe querida
lá na santa eternidade.

O filho do sofrimento

Autor: José Luiz "Violeiro"

Sou um infeliz sem sorte
Sem pai sem mãe sem irmão
O triste cruel destino
Em mim carregou a mão
A tristeza eu abracei
Com 8 anos fiquei
Sem Mamãe do coração.

Eu fiquei na orfandade
Foi triste este sofrer meu
Antes de inteirar um ano
Papai também faleceu
Aumentou mais meu tormento
O triste cruel lamento
Sobre mim se estendeu.

Além de perder meus pais
Não tenho nem um irmão
Que me dê um aposento
Vivo sem consolação
Minha cama é o Relento
Meu cobertor é o vento
As calçadas são meu colchão.

Não me esqueço um momento
De minha mamãe querida
Que quando ela era viva
Me dava roupa e comida
De noite quando eu chorava
Mamãe me balançava
Em minha redinha querida.

Mas como a morte levou-a

Para santa eternidade
Deixou-me tão pequenino
Nos braços da orfandade
Da vida perdi a fé
Hoje o meu conforto é
Tormento dor e saudade.

Eu só visto roupinha
Quando as pessoas me dão
Os filhos dos homens ricos
Me dão pedaços de pão
A fome obriga eu comer
É triste o meu padecer
É grande a minha aflição.

De dia eu vivo contente
De noite eu sofro agonia
Noite de inverno eu me deito
Na terra molhada e fria
E quando vou madornando
Sonho com mamãe me botando
Em uma cama macia.

Me acordo e não vejo ela
O meu consolo é chorar
Eu chamo ela não responde
Deito no mesmo lugar
De manhã vou na cova dela
Na cruz acendo uma vela
Depois começo a rezar.

O fazendeiro castigado

Autor: Pedro Bandeira

Conheci um fazendeiro
Que desprezou o vaqueiro
Nem gado nem dinheiro
Nem terra para trabalhar
Escarneceu da pobreza
E devido a sua avareza
A mão da mãe natureza
Resolveu lhe castigar.

Chorando o vaqueiro disse
Patrão estou na velhice
A cegueira e a mouquice

Matam quem vive casado
O senhor me vê sorrindo
Mas isso sou eu me fingindo
Quem sente o que tou sentindo
Não dá mais conta de gado.

Meu corpo sente um cansaço
Dei dos pés ao cachaço
As pernas e o espinhaço
A cabeça e o cangote
Sinto um chiado no peito
Cansei meu braço direito
Vaqueiro assim do meu jeito
Não pega nem um garrote.

Eu tenho uma pá tirada
Uma mão desconjuntada
Uma costela quebrada
Que é quem vai me dar fim
De luta pesada eu cismo
Fujo com medo de abismo
Parece que o reumatismo
Vai tomar conta de mim.

Depois de tanta minúria
Lamento pranto e injúria
Humilhação e penúria
Mágoa e desgosto profundo
O patrão falou com tédio
Para você não tem remédio
Me dê a chave do prédio
Vá se acabar pelo mundo.

Olhe ali aquela estrada
Não lhe dou direito a nada
Carregue sua cambada
Que quem não presta se some
Leve o filho e a mulher
Trabalhar você não quer
Porém onde estiver
Não fale mais em meu nome.

Saia logo me obedeça
Bote os cacos na cabeça
Por favor desapareça
Da minha casa granfina
Saiu o vaqueiro mudo

Levando um filho pançudo
E chorando entregava tudo
A providência Divina.

Na manhã do outro dia
No pátio da vacaria
O cavalo Ventania
Jogou os pés no patrão
O touro preto esturrava
A bezerrama berrava
E o cão da fazenda uivava
Lamentando a ingratidão.

No decorrer de seis meses
Morreram trezentas reses
Fugiram todos fregueses
O armazém pegou fogo
Morreu seu burro baixeiro
E o resto do dinheiro
O seu filho cachaceiro
Rasgou na mesa de jogo.

O patrão arrependido
Morreu no mato escondido
E seu terreno querido
O banco tomou também
Quem for perverso e covarde
Esta mesma sorte aguarde
Que arrependimento tarde
Nunca serve para ninguém.

O vaqueiro apaixonado
(e a beleza da mulher)

Autor: Francisco Vieira

Quem namora moça gorda
Vai topar com Satanás
Sai passeando com ela
Os malandros vão atrás
É aboiando e dizendo
Lá vai meu tonel de gás.

Cavalo é para carreira
E menino é para mandado
Quem namora com viúva
Só tem medo do finado

Quem apanha de mulher
Não dá parte ao delegado.

Mocinha namoradeira
Só presta se não for feia
Jumento só para cangalha
E ladrão só na cadeia
Quem tiver mulher bonita
Não plante feijão de meia.

A mulher que ama a dois
Não tem medo de morrer
Deixa o marido dormindo
E vai ao outro atender
Diz mais, um quarto é dele
Mas três quarto para você.

Mossoró é para salina
Catimbó no Piauí
No Canindé para ter padre
Jumento no Aracati
Quem tiver mulher farrista
Nasce chifre sem sentir.

A mocinha que é farrista
É quente que só pimenta
Quando avista um rapaz
O seu requebrado aumenta
Mulher de canela fina
Gosta de ser ciumenta.

Mulher só presta bonita
E homem só presta sério
Velha só alcoviteira
Por uma desta eu espero
Boca beijada eu não quero
Amor de dois eu não quero.

Moça só presta dengosa
Uma desta dá prazer
O cabra beija na boca
Vê as pernas esmorecer
E ela olha para ele
Diz assim dá para fazer.

Eu só gosto de cachaça
Para matar o meu desejo

Lembrando moça bonita
Que tem o sabor de queijo
Como não posso abraçá-la
Eu pego a garrafa e beijo.

Casar com moça falada
Valei-me Santa Maria
Bota chifre no marido
E paga mais um vigia
Quem casar com uma desta
Tem visita todo dia.

De beber e de amar
Pois são dois gostos que tenho
Eu vendo menina nova
Pintando um belo desenho
Cachaça e mulher bonita
São quem acaba o que tenho.

A mulher eu tenho amado
Por mulher eu tenho bebido
Por mulher eu faço tudo
Por mulher eu sou perdido
E quem não ama a mulher
Não devera ter nascido.

A morte do vaqueiro Genival na Fazenda Laranjeira

Autor: José Luiz

Com os olhos cheios de lágrimas
E o peito alucinado
Vou escrever uma história
De um vaqueiro afamado
Que perdeu a sua vida
Em uma festa de gado.

Chamava-se Genival
Sua esposa Margarida
Tinha um casal de filhos
Tesouro de sua vida
O garoto era Zezito
E a garota Aparecida.

Na Fazenda Laranjeira
Do velho Manoel Lucena

Houve uma vaquejada
Deu-se esta terrível cena
Morreu o pobre vaqueiro
Foi de causar muita pena.

Na véspera da vaquejada
Na casa de Genival
A coruja cantou na telha
E a peitica no quintal
Como quem dava notícia
De um caso funeral.

De manhã se reunia
Ali toda a vaqueirama
Todos vestidos de couro
Nos seus cavalos de fama
Genival também chegou
No cavalo Pirapama.

Soltaram a primeira rês
Genival acompanhou
Mas por infelicidade
Um garrote atravessou
E o pobre Genival
Nesta hora se acabou.

O cavalo tropeçou
E estendeu-se no chão
Genival quebrou as pernas
A clavícula e uma mão
Fazia pena se ver
A sua lamentação.

Mandou chamar a esposa
E seus filhinhos queridos
Se abraçaram com ele
Num pranto desensofrido
Até as pedras choravam
Se ouvissem os alaridos.

Ele disse minha esposa
Eu vou perder minha vida
Zela bem dos meus filhinhos
Dentro de nossa guarida
Porque do mundo dos vivos
Dou a última despedida.

Adeus meu papai amado
E minha mamãe querida
Irmão sogro e cunhado
Minha esposa Margarida
Adeus meu filho Zezito
E a minha Aparecida.

Adeus amigos vaqueiros
Adeus lindos matagais
Dou adeus aos fazendeiros
Que são amigos leais
Eu vou para o cemitério
E sei que não volto mais.

Adeus lindas vaquejadas
Adeus ao cavalo meu
Porem naquele momento
Um grande ataque se deu
E disse adeus meus filhinhos
Fechou os olhos e morreu.

Todo gado da fazenda
Neste momento berrou
Seu cavalo Pirapama
Nesta hora relinchou
Como quem sentia a morte
Do dono que lhe zelou.

Todo mundo lamentou
A morte deste vaqueiro
Até os bichinhos brutos
Ficaram em desespero
Em morrer um grande herói
Do Nordeste Brasileiro.

Despedida de um vaqueiro

Autor: Manoel Soares Sobrinho

No ano que falta inverno
No Nordeste brasileiro
É triste triste bem triste
Ouvir-se a voz do vaqueiro
Se despedindo do povo

Na casa do fazendeiro.

Diz o vaqueiro patrão
Eu lhe peço pelo nome
De Deus que vossa excelência
Conta do seu gado tome
Que eu vou partir para não ver
Seu gado morrer de fome.

A vaca Rosa do Prado
Se acha magra e cansada
Urrando penosamente
Lá do alto da chapada
Como quem sente saudade
Do tempo da vaquejada.

Magro também já se acha
O meu cavalo Xexéu
Mas vou tirar seu retrato
Para botá-lo em meu chapéu
Como verdadeiro emblema
Das vaquejadas no céu.

Vou embora para Brasília
Mato Grosso ou Paraná
São Paulo ou Rio de Janeiro
Ver se escapo por lá
E quando houver inverno
No Norte eu volto para cá.

Se lá no Sul do país
Não morrer vosso vaqueiro
Quando houver um bom inverno
No Nordeste brasileiro
Eu volto para derrubar
Barbatão gordo e ligeiro.

Dou adeus a Carmelita
Meu grande amor verdadeiro
Estrela que ilumina
A minha vida de vaqueiro
Rainha das vaquejadas
Do Nordeste brasileiro.

Adeus terra que nasci
Adeus casa adeus terreiro
Adeus gado adeus curral

Adeus patrão verdadeiro
Adeus adeus vaqueirama
Do Nordeste brasileiro.

Quando Carmelita ver
O seu amor ir embora
Como um triste desvalido
Vagando de mundo afora
Quando o gado urrar no campo
Carmelita em casa chora.

Quando se aproxima a noite
Na casa do fazendeiro
Toda a bezerrama berra
Como aviso verdadeiro
Que também sente saudade
Do aboio do vaqueiro.

Filho sem mãe

Autor: Antônio Alves

O filho coitado que vive sozinho
Sem gozar carinho de mamãe querida
De tanto martírio já anda corcunda
Vivendo no mundo sem prazer na vida.

Vendo quem tem mãe andando alinhado
Vestido e calçado tão cheio de beleza
E ele coitado não tem nem saúde
Em si só vê grude molambo e pobreza.

Ele se reclama dizendo a morte
Cortou minha sorte do começo ao fim
De ser como os outros o destino priva
Se mãe fosse viva eu não era assim.

Se eu tivesse mãe como os outros tem
Dormia também em belo aposento
Mas como não tenho minha sorte crua
Durmo pela rua exposto ao relento.

Sou um infeliz com tão pouca idade
Que a orfandade só quer ver meu fim
Sem mamãe querida eu vivo a toa
Sem uma pessoa que cuide de mim.

Durmo tantas noites com fome e sede
Sem cama e sem rede minha cama é o chão
Ao deitar-me rezo para a alma dela
Choro em não ver vela para dar-lhe a benção.

Os meninos limpos beijados queridos
Calçados e vestidos nojo de mim tem
Quem hoje a mim passa fazendo anarquia
Pode até um dia ser órfão também.

Quando eu vivia com mamãe querida
Eu tinha uma vida cheia de prazer
Mamãe hoje mora na eternidade
A triste orfandade me fez padecer.

Dia de finados que é 2 de Novembro
Eu sempre me lembro de acender uma luz
Lá na cova dela como obrigação
Faço uma oração e lhe entrego a Jesus.

Quando me retiro para mim estou vendo
Minha mãe dizendo lá no Paraíso
Lhe entrego a Jesus Maria e José
Eu lhe dou adeus até o dia do Juízo.

Oh mamãe

Autor: Louro Branco

Ô mamãe eu vive triste
Por não mais ver o seu rosto
Quisera te ver em sonho
Para não morrer de desgosto
Não há quem faça uma base
Minha cruz está pendida
Por ter perdido a pessoa
Que mais me zelou na vida.

Ô mamãe não tenho gosto
Meu sossego teve fim
Só a senhora sabia
Fazer as coisas para mim
Não vejo quem faça cálculo
Do meu desgosto profundo
Filho sem mãe é um ente
Mais triste que tem no mundo.

Ô mamãe nunca mais tive
Conselho na sua voz
A morte transforma tudo
Sabe Deus sabemos nós
Mamãe aquela casinha
Foi alegria da gente
Mas depois da sua morte
Ficou tudo diferente.

Ô mamãe eu tenho sogros
E um pai que por mim chora
Belos manos, lindos filhos
Bons amigos toda hora
Uma esposa que me zela
Mais alguém que me adora
Mas ninguém tem a metade
Da bondade da senhora.

Ô mamãe a sua morte
Para mim foi incomum
Se houver desgosto grande
Esse para mim foi um
Já que da terra para o céu
Não vai notícia nem vem
Rogue por mim até quando
Jesus me levar também.

Vaqueiro Gado e Mulher

Autor: Louro Branco

Vaqueiro gado e mulher
Três joias que o mundo tem
Vaqueiro e gado eu adoro
Mulher prezo e quero bem
Não é santíssima trindade
Mas é trindade também.

O vaqueiro e um aboio
No teatro dá defesa
O gado na pecuária
É a fonte de riqueza
E a mulher é a miss
Das deusas da natureza.

O vaqueiro imita foto
Dos pastores de Belém

O gado a fotografia
Dos seus rebanhos também
E a Mulher o retrato
Dos sonhos que o homem tem.

Vaqueiro homem mais bravo
Que a providência formou
O gado melhor rebanho
De tudo que Deus deixou
E a Mulher prenda mais linda
Que a natureza criou.

Vaqueiro pastor gigante
Das quebradas do Sertão
E o gado fortuna viva
Na fazenda do patrão
E a mulher rosa sublime
Do jardim do coração.

Vaqueiro merece amor
Cavalo gado e corrida
Gado merece vaqueiro
Engorda sombra e bebida
E a mulher merece tudo
Quanto é bom nessa vida.

No mundo falta vaqueiro
O meu desgosto é profundo
Se um dia falta o gado
É um desgosto segundo
E se um dia faltar mulher
Deus pode acabar o mundo.

Vaqueiro vendo vaqueiro
Bebe da cerveja fria
Se vê o gado demorar
Aboia de alegria
E vendo mulher bonita
Empalha o resto do dia.

Vaqueiro vai ao Mobral
Estudar se não souber
Sendo rude não aprende
Ler outra coisa qualquer
Mas volta lendo três nomes
Vaqueiro gado e mulher.

Corrida de mourão

Autor: Pedro Bandeira

Meu sertão tem futebol
Tem samba e tem farinhada
Se reza terço e novena
Mas nada disso me agrada
Meu fraco é cavalo e gado
Cantoria e vaquejada.

Para mim o maior prazer
Só é quando vou chegando
De longe que vejo a pista
E muito gado berrando
Os vaqueiros numerados
E a difusora bradando.

De toda parte chegando
Rural, Jeep e Caminhão
Muitas moças namorando
Gado na exposição
E um cabra soltando aboio
De doer o coração.

Aqui acolá se ouve
O aboio dum vaqueiro
Dizendo que meu cavalo
É gordo forte e ligeiro
Dou queda em garrote bravo
Que não deixo um osso inteiro.

Se sou ligeiro na pista
Sou maneiro no carrasco
Quem tiver boi mandingueiro
Traga que eu desenrasco
Dou queda que ele conta
As estrelas com o casco.

Outro traz o meu cavalo
É gordo forte e zelado
Come feijão ervilha e ovos
E todo dia é banhado
Mas só passa a perna nele
Cabra que derriba gado.

Dois camaradas de fama

Que um no outro acredita
Corre os dois emparelhados
Somente para fazer fita
Quem pega passa pro outro
Para queda ser mais bonita.

Se ver nuvem de poeira
O os vaqueiros correndo
Gado tombando na pista
Se levantando e gemendo
É cada salva de palmas
Que o curral fica tremendo.

Cada vaqueiro é um número
Cada cavalo é um nome
Se namora farra e bebe
Ali ninguém passa fome
Enquanto existir corrida
O gado preso não come.

Adeus quem fez vaqueiro
Adeus quem vestiu gibão
Adeus pista e difusora
Vou zelar meu alazão
E aguardar para o ano
Outra Corrida de Mourão.

Despedida dos namorados

Autor: José Alves Sobrinho

No banco de um jardim
vi uma moça sentada
como quem estava assim
pela sorte desprezada
em sua fisionomia
notei que ela sentia
mágoa que não se revela
fiquei olhando por traz
quando chegou um rapaz
e sentou-se pertinho dela.

Deu-lhe um beijinho na boca
e disse: minha querida
eu estou de alma louca
só pensando na partida
minha para outro Estado

vou viver distanciado
dos meus irmãos e meus pais
mas com amor eu te peço
que antes do meu regresso
não ame outro rapaz.

Ela respondeu assim:
querido não pense isto
minha tristeza é sem fim
sem você eu não resisto
ainda que apareça
um homem que me ofereça
o tesouro do País
eu não darei atenção
porque o meu coração
só com você é feliz.

Querida tua expressão
me faz agora entender
que uma doce união
contigo eu hei de fazer
eu tenho que viajar
mas amanhã vou tratar
o assunto a teus pais
deixar contigo a aliança
como uma eterna lembrança
de um amor que fica em paz.

Ela disse meu amor
quando tu fores embora
recordas que a minha dor
aumenta de hora em hora
peço-te por caridade
não deixes que a saudade
devore meu coração
eu ficarei esperando
de dia a noite chorando
por tua separação.

Ele disse com carinho
não chores minha querida
tu és o santo amorzinho
que mais adoro na vida
ainda que o destino
me transforme em peregrino
na cadeia do tormento
eu peço fortuna a Deus

para só os carinhos teus
findarem o meu sofrimento.

Ela disse: eu peço a Deus
Supremo Pai de Bondade
que defenda os dias teus
dos olhos da má vontade
te refugie dos perigos
te livre dos inimigos
nas graças do Salvador
multiplique os teus desejos
para não aceitares beijos
de outro qualquer amor.

Ele muito pesaroso
levantou-se e disse assim
confio em Deus Poderoso
que nosso amor não tem fim
querida não chores tanto
que cada gota de pranto
que derramas nesta hora
é uma mancha de dor
no coração amador
do homem que vai embora.

Bebendo e pensando nela

Autor: Agrestina

Vou cantar nesta canção
O que é uma paixão
Que um homem de coração
Sente por uma donzela
Vem outro carrega ela
Fica ele abandonado
Bebendo e pensando nela.

Digo assim porque comigo
Já se deu este castigo
Eu a todo mundo digo
Que gostava muito dela
Seu nome era Florisbela
A quem já matei a fome
Hoje só me resta o nome
E eu ébrio pensando nela.

Hoje quem me ver beber

Não conhece o meu sofrer
E que o meu padecer
É só dedicado a ela
Que vivo assim sofrendo
Não sabe que estou bebendo
Somente pensando nela.

Quem me vê no bar sentado
Não conhece o meu estado
Pensa que estou animado
E estou com vida bela
Mas estou preso na cela
Trancado pelo amor
Suportando aquela dor
Bebendo e pensando nela.

Se hoje eu tomo cachaça
É para que minha desgraça
Suba no véu de fumaça
E eu me esqueço dela
Meu amor eu dei a ela
Mas ela me desprezou
E por isso é que estou
Bebendo e pensando nela.

Tem noite que estou dormindo
Sonho com seu rosto lindo
Eu me acordo sorrindo
Pensando em estar junto dela
Acordo e não vejo ela
Lembro de seu outro dono
Vou dormir e não tenho mais sono
Vou beber pensando nela.

Muitas mulheres formosas
Comigo são carinhosas
Mas do meu jardim de rosas
Lá raptaram a mais bela
Não quero mais saber dela
Que as mulheres são iguais
Hoje não me caso mais
Vou beber pensando nela.

E para você que ama
E a mesma dor reclama
Jure que nunca mais chama
Pelo triste nome dela

Procure outra donzela
Entregue seu coração
Reze logo uma oração
Vá beber pensando nela.

Lágrimas do passado

Autor: Luiz José de Oliveira

Eu suplico a Deus infinito
Nesta prece que vivo a rogar
Por estar longe de meu pé de serra
Eu sinto saudade não poder voltar.

Ausentei-me dela muito novo
Uma lágrima eu meu rosto verteu
Acabou-se a minha alegria
O desgosto em meu peito bateu.

Viajei avistando a morada
Fui levando a separação
Dividindo as minhas passadas
Em duas espadas no meu coração.

Destinei-me a vagar pelo mundo
Por não ter outro meio para viver
Minha terra tornou-se caipora
Jogou-me para fora me ver sofrer.

Com três anos eu resolvi voltar
A procura da mamãe querida
Ao chegar encontrei a morada
Deteriorada e ela falecida.

Nem um trapo sequer encontrei
De uma veste para me consolar
Por lembrança tinha a sepultura
Cheio de amargura fui lhe visitar.

Soluçando choroso chamava
Minha mãe minha mãe onde estais
Foste tu que enxugavas meus prantos
Hoje neste canto enxugarás jamais.

Eu saindo lá do cemitério
Fui parar na antiga morada
Sempre a casa me denunciava

A lembrança de mamãe amada.

Eu sozinho lá passei a noite
Pois não quis companhia de alguém
Soluçando derramei meus prantos
Quem me visse chorava também.

Eu sentei-me numa baraúna
Sombreada que tinha no terreiro
Soluçando e falando baixinho
Baraúna olhe o meu desespero
Foste tu por mamãe zelada
E dela não tem mais roteiro.

Brutamente o vento soprava
A ramagem com grande açoite
Nisso vem a brisa mansinha
Me ajudando a fazer pernoite
Baraúna estalava seus galhos
Me banhando com lágrimas da noite.

O xexéu que saudoso cantava
Relembrava a lembrança de outrora
Nisto vem a barra do dia
Expulsando a noite para fora
Olhei triste para a baraúna
Despedi-me dela e fui embora.

Eu termino com lágrima no rosto
E saudade no meu coração
Relembrando a mamãe querida
Que me resta a recordação
E ao povo da minha terra
Eu dedico esta triste canção.

Amor, paixão e segredo

Autor: Manoel Rezende

Esta canção é a prova de amizade
Realidade do amor que te dedico
Quanto mais tempo se passa em minha vida
Por ti querida mais apaixonado fico.

O nosso amor para o mundo é proibido
Já tenho ido confessar mas tenho medo
Que tu não sofras por mim qualquer castigo

Assim me obrigo te amar só em segredo.

Porém te juro jamais esquecerei
E guardarei tua carta por lembrança
Da amizade por ti constituída
Enquanto há vida nos resta uma esperança.

Se alguém disser que de outra sou querido
Não dê ouvido a conversa desse alguém
Que as censuras do mundo estou sujeito
Mas só aceito você e mais ninguém.

Cada minuto que eu passo distante
Sofro bastante e assim de mais a mais
O meu destino me leva para cidade
E a saudade me puxa para trás.

Quando eu avisto um casal de namorados
Ambos sentados no bando de um jardim
Trocando beijos de amor dá-me um desgosto
Porque meu gosto é também fazer assim.

Os nossos beijos são dados por cartinhas
E entre linhas eu ouço a tua voz
Lembro os momentos de nossas aventuras
E muitas juras que houve entre nós.

Aqui termino enviando um forte abraço
Se assim faço é porque sinto prazer
Direi ao mundo que amo loucamente
E fielmente te espero até a morte.

Amor de Mãe não tem fim

Autor: Sinésio Pereira

Bons poetas escreveram
Doces canções maternais
Vejo a fonte do assunto
Já esgotada demais
Contudo eu ainda vou
Falar sobre a mãe querida
Por ser ela a origem
Dos dias da minha vida.

Nove meses em gestação
A mãe passa padecendo

Pelo filho e para criá-lo
Ela trabalha sofrendo
Pensando no filho um dia
Tirá-la da aflição
Tem muitos que ainda pagam
Carinho com ingratidão.

Tem pobre mãe sertaneja
Faminta triste a sofrer
Que fica sem a comida
Para o filho abastecer
A noite sem a cobertura
Quando o filho vai dormir
Tira sua própria veste e dá
Para o filho se cobrir.

Quando o filho faminto
A mamãe lhe alimenta
Se adoece dá remédio
Se chora ela lhe acalenta
Se está nu ela lhe veste
Se tem frio ela lhe aquece
Só quem é mãe é quem sabe
O quanto uma mãe padece.

Não há tesouro que pague
Carinho de uma mãe fiel
É vivo como esperança
Mais doce do que o mel
É alto como as estrelas
Mais fundo do que o mar
Feliz do filho ou da filha
Que tem mamãe no seu lar.

Tem filho que deixa a mãe
Por amor de uma mulher
Da mulher ele precisa
As vezes ela nem lhe quer
Por qualquer coisa lhe odeia
Destrói o seu próprio lar
Que a mulher não perdoa
E a mãe sabe perdoar.

Se o filho é convocado
Para defender sua terra
A mãe em traje de homem
Entra com o filho na guerra

Para ela fugir da luta
Não existe empecilho
Filho morre pela pátria
E a mãe morre pelo filho.

Vai esta mensagem feita
Para as mães que entenderem
Parabéns as que estão vivas
Preces as que já morreram
A minha também é morta
Está rogando a Deus por mim
Que por ruim que o filho seja
O Amor de Mãe não tem.

Martírios de minha vida

Autor: Antônio Maracajá

Não sei o que devo tanto
Para sorte me castigar
Sou cantador mas não canto
Que ela me obriga a chorar
É minha dita talvez
Que a natureza fez
Como uma coisa esquecida
E eu para espairecer
Obriguei-me a escrever
Martírios de minha vida.

Eu nasci a dez do mês
De maio exposto ao relento
Cobri-me a primeira vez
Com o lençol do sofrimento
Desta hora por diante
Não dei mais um passo avante
Em busca da liberdade
Só viajei diferente
Como viaja um vivente
Que não tem felicidade.

Nasci numa sexta-feira
Vênus é o meu planeta
Uma cegonha agoureira
Deu-me a primeira chupeta
Eu de pequenino e tolo
Chupei-a como consolo
Porque de nada sabia

Que este consolo profundo
Vinha me trazer no mundo
A mais profunda agonia.

Fiquei sem papai querido
Eu ainda muito criança
E do seu último gemido
Nem sequer tenho lembrança
Morreu desapareceu
E o penitente sou eu
Jogado no mundo afora
Cheio de angustia e saudade
Atrás da felicidade
Sem saber aonde mora.

Aprender a ler não pude
Pó ser filho da pobreza
Não tive esta virtude
Deus não deu-me esta riqueza
Por eu ser analfabeto
Não pude escrever completo
Como o poema merece
Que a caneta é da saudade
E a tinta é da qualidade
Das lágrimas de quem padece.

Para amar não tive sorte
Que a quem primeiro amei
Caiu nos laços da morte
Coisa que nunca pensei
Perdi meu primeiro amor
Aumentou mais uma dor
Além das que eu já sentia
Vou chorar a sua ausência
Até quando a providência
Lembrar-se de mim um dia.

Todo mundo tem um dito
Gozei minha mocidade
Só eu nasci esquisito
Sem esta felicidade
Não lembro da meninice
Se houve ninguém me disse
Ainda estou enganado
Só sei é que estou vivo
Para ser pobre e cativo
Como desventurado.

Prazer na arte não tenho
Só ela é quem me atormenta
Nessa estrada é que venho
Desde junho de quarenta
Já cantei me esforçando
Hoje não estou mais ligando
E de morrer estou perto
Vou abandonar a arte
Para nunca mais fazer parte
Do que para mim não deu certo.

Não sinto abraço nem beijo
De mulher sou odiado
Amor só de caranguejo
Na hora que estou queimado
Se espalha logo a notícia
Com pouco chega a polícia
Diz vamos até ali
Lá no quartel tem dormida
Quem quiser gozar a vida
Nasça no mês que eu nasci.

Cachaça sempre bebi
Jogo e dança abandonei
No jogo sempre perdi
Na dança nada ganhei
Só mesmo aborrecimento
De dona sem fundamento
Que pensa que é bonita
Só dá crença a vaidade
De um homem da minha idade
Galhofa prá fazer fita.

As contas estão aumentando
Pagar mais eu não resisto
Estas contas estão pesando
Igualmente a Cruz de Cristo
É conta em cima de conta
E eu de cabeça tonta
Somente de imaginar
Em assumir esta vaga
De quem comprou e não paga
E eu sem dever vou pagar.

A tristeza em mim existe
Presente que Deus me deu

Eu nem sei como resiste
Um triste assim como eu
Vivo sozinho no mundo
O meu desgosto é profundo
Meu sofrimento é sem fim
Agora o que vou fazer
É ao mundo dizer:
Pode vingar-se de mim.

A volta do filho querido

Autor: Firmino Ferreira da Silva

Eu vou voltar para o Norte
Que me chegou a vontade
Já faz dois anos que vivo
Longe da minha cidade
De meus pais e de meus manos
É muito grande a saudade.

Vou voltar para olhar
A minha noiva querida
Acertar meu casamento
Q' ela já ficou pedida
Vou fazer a minha casa
E cuidar da minha vida.

Já peguei meus documentos
Já entreguei ao patrão
Daqui para o fim do mês
Vou ter indecisão
Vou embora para o Norte
Terra da minha paixão.

As saudades são tão grandes
De eu não poder suportar
Quando eu sonho com mamãe
Minha vontade é chorar
E tomara que já chegue
O dia de eu viajar.

Toda noite eu sonho
Com a minha moradia
E sonho com meu cavalo
Morando na estrebaria
Sonho com minha espingarda
E com minha sela macia.

Aqui em São Pulo é bom
Mas a saudade me faz guerra
Já recebi meu dinheiro
Vou visitar minha terra
Vou olhar para minha noiva
E vou ver meu pé de serra.

Eu vou à rodoviária
E vou comprar a passagem
Vou pedir a Jesus Cristo
Para me ajudar na viagem
Viajar cinqüenta horas
Precisa muita coragem.

Adeus colegas que ficam
Desejo felicidade
Vou embora para o Norte
Que é grande a saudade
Só voltarei para aqui
Se houver necessidade.

Dou adeus ao meu barraco
Aonde eu repousei
Que me serviu de pousada
Desde o dia que cheguei
Amanhã eu vou embora
Longe de ti ficarei.

Para minha querida mãe
Um telegrama mandei
Avisando minha volta
Se recebeu eu não sei
Aguarde minha chegada
Brevemente chegarei.

O mal que a inveja faz

Autor: João Bandeira

Não é corrigindo o próximo
Nem me julgando capaz
De consertar os defeitos
Dos nossos primeiros pais
Mas quero dizer em versos
O mal que a inveja faz.

A inveja não pertence
Ao Deus da divindade
É companheira do crime
Inimiga da verdade
Irma gêmea da miséria
E prima da falsidade.

Por inveja Satanás
Enganou Eva e Adão
Para ter gosto de vê-los
Nas garras da perdição
Caim por ser invejoso
Assassinou seu irmão.

O sujeito ambicioso
Só é quem quer ser direito
Se vê seu vizinho bem
Se mostra mal satisfeito
Entristece fecha a cara
E começa botar defeito.

Os sinais dos invejosos
Primeiro é contar vantagem
Segundo inventar mentira
Terceiro tem pabulagem
Quarto enganar o próximo
O quinto não ter coragem.

Se o invejoso vê
Seu próximo ganhar dinheiro
Manda fazer um feitiço
Que atrai seu companheiro
No fim o feitiço vira
Por cima do feiticeiro.

A língua do invejoso
Sapeca como coivara
Os olhos são duas tochas
Dando circuito na cara
Queima que abre ferida
Que com 100 anos não sara.

A pessoa ambiciosa
Não dá valor ao alheio
Sendo bom fica ruim
Sendo bonito fica feio
De tudo que há no mundo

Vive socado no meio.

Da inveja nasce o ódio
Do ódio uma intriga forte
Da intriga nasce a briga
Da briga é que nasce a morte
Da morte nasce o pecado
Pecado a ninguém dá sorte.

Dar a Deus o que é de Deus
Como Deus deixou escrito
Dar a César o que é de César
Que isto eu admito
Respeite mais o alheio
Deixe a inveja que é feio
Ame a Deus que é mais bonito.

Lamento da casa velha

Autor: Ezequiel Calisto de Lima

Antigamente em mim
Tinha um prazer tão profundo
Vinha quase todo mundo
Gente boa, gente ruim
Porém tudo levou fim
Está tudo diferente
Agora até o batente
Da porta está cinzento
É esse o triste lamento
Da velha casa sem gente.

Só o meu primeiro dono
Que de mim sempre zelava
Todo ano me pintava
Não me dava o abandono
Dizia este é meu trono
Que vivo diariamente
Eu ficava tão contente
Pelo seu procedimento
É esse o triste lamento
Da velha casa sem gente.

Hoje não tem mais crianças
Nem mocinhas namorando
Eu fico triste pensando
Que acabaram-se as esperanças

Ainda restam as lembranças
Do tempo anteriormente
Está tudo diferente
Só me resta o sofrimento
É esse o triste lamento
Da velha casa sem gente.

Sumiram as criações
De perus e de galinhas
Ficaram só as rolinhas
Voando pelos pinhões
As rosas os manjericões
Secaram sob o sol quente
Não tem mais uma semente
Que sirva de alimento
É esse o triste lamento
Da velha casa sem gente.

O pobre do meu quintal
Nele não tem uma vaca
Só tem mesmo uma estaca
Representando o curral
Não há mais um animal
Que a fazenda represente
Está tudo diferente
Eu estou em sofrimento
É esse o triste lamento
Da velha casa sem gente.

Minhas portas estão caídas
Enferrujaram-se as fechaduras
As janelas não estão seguras
As paredes estão partidas
As ripas estão enfraquecidas
Podem cair de repente
Para trás ou para frente
É esse o triste lamento
Da velha casa sem gente.

Amor de Mãe

Autor: Manoel Pedro Clemente

Não há quem sofra no mundo
Como uma mãe amorosa
Seu sofrimento é profundo
Vive triste e pesarosa

Cuidando dos filhos seus
Entregando eles a Deus
E a Maria concebida
Perde a saúde e o sono
E às vezes no abandono
Termina o resto da vida.

Quando o filho cai doente
A mãe para o servir
Passa a noite impaciente
Sem ter direito a dormir
Do seu filhinho cuidando
Beijando acariciando
Tristonha e amargurada
Com o coração sem dolo
Deita seu filho no colo
E amanhece acordada.

Depois que amanhece o dia
Entra na luta diária
Dando aos filhos garantia
E assistência necessária
E depois que a família cresce
Tem moça que se envaidece
E nem sequer lembra dela
Começa arrumando amores
Nem sequer lembra as dores
Que a mamãe sofreu por ela.

Quando é um rapazinho
Muda logo a diretriz
Dos pais esquece o carinho
E vai ao Sul do país
Lá se entretece com ganho
Prazer de todo tamanho
Nem se lembra mais de cá
Esquece a mãe verdadeira
E na farra e na bebedeira
Termina a vida por lá.

Que uma mãe derrama pranto
Pelos filhos toda hora
Pelos filhos sofre tanto
Mas filhos nenhum lhe adora
Uma filha fielmente
Só sabe o que a mãe sente
Quando um filho ela tem

E o filho que o pai esquece
Só sabe o que ele padece
Quando ele é pai também.

Se por casualidade
O filho erra uma vez
Nas mãos da autoridade
É conduzido ao xadrez
A mamãe também em pranto
Envolve o corpo em um manto
De um tormento sem fim
Com o rosto lagrimado
Diz chorando ao delegado
Solte ele e prenda a mim.

Se a mãe vê o filho dela
Em uma luta com alguém
Pelo amor que tem ela
Entra na luta também
Sem respeitar tiroteio
No barulho entra no meio
Com o peito encorajado
Transformando-se guerreira
Passa entre bala e peixeira
E vai buscar o filho amado.

Fielmente uma mãe sofre
Magoa desgosto e tortura
Que coração de mãe é cofre
Onde se guarda amargura
Pelos filhos tudo faz
Além disso ainda é mais
Cativa do seu dever
Não tem descanso um segundo
Que a pobre mãe neste mundo
Só nasceu para sofrer.

Índia na praia

Autor: Sinésio Pereira

Hoje sem carinho
Eu vos encaminho
Mais uma história
Tristonho a sonhar
Com a índia linda
Que um dia em Olinda

Brincando na praia
Começou a me amar.

Fui à sua taba
O morubixaba
Pedia ao pajé
Que me enfeitiçasse
Ou lhe encantasse
Para eu não amar
A índia caeté.

Destinei-me logo
Roubei a donzela
Sentindo a cabocla
Beijar minha boca
Eu nos braços dela.

Eu um tabajara
Na margem do iara
Fiz uma cabana
Para nela viver
Nasce uma filhinha
Linda garotinha
Que entre abraços
Começou crescer.

Sentada na areia
Quando a lua cheia
Sentia a brisa
Suave soprar
As pequenas brumas
E as brancas espumas
E o verdor das ondas
Das águas do mar.

Eu pobre caboclo
Sempre a trabalhar
E o tempo é covarde
Certo dia à tarde
Choveu sem parar.

A chuva caiu
A água subiu
E a nossa cabana
Começou pender
A guria caiu
A cabocla viu

Se jogou na água
Para lhe defender.

Com a filhinha amada
Morreu abraçada
A onda levou-as
Para dentro do mar
Cheguei nesse dia
Com tanta agonia
Fui parar na praia
Tristonho a chorar.

Quando caiu a tarde
Olho o oceano
A maré estronda
Vai crescendo a onda
Do meu desengano.

Hoje eu vou à praia
Escuto a jandaia
A sereia canta
Eu penso que é Ceci
Sentada na areia
Correndo na veia
O rio de sangue
Da raça Tupi.

E eu tão sozinho
Sem nem o carinho
De uma filhinha
Que por sonho vem
Dormir ao meu lado
E este mar malvado
Não me dá notícia
Onde está meu bem.

Criança morta

Autores: Sebastião da Silva e Moacir Laurentino

Dos poemas que escrevi
por meio da inspiração
este é o mais comovente
porque tem a narração
de um dos casos mais tristes
que já se deu no sertão.

Trata-se de uma menina
de uma beleza estrema
de 4 anos de idade
com quem se deu o problema
e tornou-se a central figura
das emoções do poema.

Edinete era seu nome
que lembramos com pesares
filha de Rita Alzira
e expedito Soares
casal pobre mas bem quisto
com todos familiares.

No município Riacho
dos cavalos terra amena
no sertão Paraibano
aonde os pais da pequena
moram e ainda hoje
lamentam a triste sena.

27 de novembro
do ano 76
pelas 3 horas da tarde
ou pouco antes talvez
os pais de Edinete a viram
viva pela última vez.

Pois a criança brincando
no pátio da moradia
se entretendo com frutas
ou com animais que via
aos poucos entrou no mato
sem saber para onde ia.

Quando a mamãe sentiu falta
de sua filha querida
chamou-a diversas vezes
já bastante comovida
aí notou que a criança
já se achava perdida.

Alarmou para vizinhança
e começou a chegar gente
para procurar a criança
todos apressadamente
anoiteceu e ninguém

encontrou a inocente.

Assim passaram 3 dias
procurando sem parar
de 80 a 100 pessoas
podia se calcular
todos a sua procura
mas ninguém pode encontrar.

Na manhã no dia 30
já todos sem esperança
no lugar Serra dos Bois
num telhado que se avança
nesse local esquisito
acharam morta a criança.

Morreu de fome e de sede
em situação singela
mais ou menos 6 Km
do local da casa dela
as folhas foram seu leito
a lua serviu de vela.

Quando espalhou-se a notícia
que a criança faleceu
foi muita gente ao local
onde a morte a venceu
vão fazer uma igrejinha
no canto que ela morreu.

Todos seus irmãos lamentam
os pais lamentam também
chorou toda vizinhança
porque lhe queriam bem
e Deus aumentou a conta
dos muitos anjos que tem.

A volta do vaqueiro

Autor: Francisco Pedra

Eu já contei aos ouvintes
do vaqueiro a despedida
que o patrão botou para fora
e na hora da saída
se despediu do gado
dando adeus por toda vida.

O patrão arrependido
de ter posto para fora
seu vaqueiro bom de gado
que tanto serviu outrora
mandou logo um portador
chamá-lo na mesma hora.

O vaqueiro foi urgente
para atender o chamado
foi no horário da noite
a fim de não ver o gado
pois não pretendia ter
recordação do passado.

Ele dizia consigo:
por ventura o meu patrão
quer que eu volte para fazenda
com certeza é confusão
ou ele reconheceu
que me expulsou sem razão.

E foi chegar na fazenda
próximo ao cantar do galo
o patrão estava acordado
com desejo de abraçá-lo
conheceu que era ele
pelo rinchar do cavalo.

Quando o cavalo rinchou
as vacas se levantaram
os bezerros estavam longe
logo se aproximaram
quando ele entrou no alpendre
os bezerros acompanharam.

Disse o vaqueiro: patrão
vim atender o chamado
o patrão disse: caboclo
eu vou lhe entregar o gado
desde que você saiu
que é tudo desmantelado.

Depois de sua saída
as vacas se revoltaram
não foram mais ao curral
nem os bezerros mamaram

já morreram 15 reses
fora os que desabaram.

Disse o vaqueiro: patrão
eu não posso mais voltar
já estou bem colocado
mesmo cansei de lutar
aí baixou a cabeça
e começou a pensar.

Disse o patrão: eu entrego
todo gado quanto tem
enquanto você quiser
aqui não entra ninguém
só você pode dar jeito
ao desmantelo que tem.

Tome conta da fazenda
mude de opinião
sei que você tem direito
pois eu conheço a razão
queira esquecer o passado
do seu ingrato patrão.

Nessa altura algumas reses
já tinham se aglomerado
e o vaqueiro no terreiro
pelos bezerros cercado
berrando ao redor dele
como quem dava um recado.

O vaqueiro disse: patrão
eu não me domino mais
portanto vou tomar conta
de todos os seus animais
aí saiu aboiando
e o gado urrando atrás.

Ele aboiava na frente
o gado se reunia
boi de toda qualidade
de todo lado saía
berrando e escaramuçando
como quem se divertia.

Ele aboiava e dizia
meu gado mais uma vez

eu voltei para tomar conta
fazer tudo por vocês
Deus querendo de hoje em diante
Não morre mais uma rês.

Vinha surgindo outra rês
era um garrote aleijado
que no tempo de bezerro
tinha sido cravejado
por não poder vir na frente
chegou no coice do gado.

Chegava aos pés do vaqueiro
saía e depois voltava
se atravessava na frente
do cavalo e se esfregava
como se fosse um amigo
que com outro se encontrava.

Já o vaqueiro enxugava
toda lágrima que vertia
o patrão observando
ficou com tanta alegria
que convidou os amigos
e festejou esse dia.

Vaqueiro que é vaqueiro
zela seu gado e quer bem
todo dia vai ao campo
e conta o gado que tem
quem não gosta de vaqueiro
não gosta mais de ninguém.

Flor do cascalho

Autor: Apolônio Cardoso

Eu passando um certo dia
no pé de uma serrania
numa manhã sem orvalho
via uma flor desconhecida
era como a flor da vida
rosa branca ou margarida
a chamei flor do cascalho.

Fiquei olhando para ela
sentindo a solidão dela

como se fosse um alguém
porque a flor sem orvalho
que nasce dentre o cascalho
se balançando em seu galho
é sem liberdade também.

A saudade de meu bem
é como a da flor também
que a ventania assanha
é como a rosa da vida
rosa branca ou margarida
vivendo a vida sem vida
nos cascalhos da montanha.

A cabocla apaixonada
é a rosa abandonada
distante da mocidade
flor branca misteriosa
nasce com a sina da rosa
vive emurchece e não goza
nos cascalhos da saudade.

O poeta peregrino
que vaga sem ter destino
conhece o que a vida tem
vê flores no seu nascente
espinho no seu poente
porque a sorte da gente
é um cascalho também.

Um povo que passa fome
uma nação sem ter nome
sem liberdade um segundo
é como a pátria esquecida
rosa branca ou margarida
que Deus criou-a sem vida
entre os cascalhos do mundo.

Eu olhei para seus olhinhos
vi nele dois passarinhos
por entre a floresta calma
cantando a voz de um poema
como se fosse um dilema
das canções de Iracema
nos cascalhos de minha alma.

Meu adeus flor esquecida

que vou em busca da vida
que ela foge de mim
um dia tu morrerás
eu perderei minha paz
não te verei nunca mais
ambos nós teremos fim.

Quando caíres da rama
que eu perder a minha fama
fugir minha mocidade
me cobrirei em delírios
tu não verás novos lírios
cantarei os teus martírios
na voz da minha saudade.

Fica aí flor do cascalho
te balançando em teu galho
beijando as brisas do além
não temos calma um segundo
nosso desgosto é profundo
talvez que o outro mundo
seja um cascalho também.

Os prantos da meretriz

Autor: José Francisco Borges

Eu estava sentado um dia
Em um jardim da cidade
Quando chegou um pobre
Me pediu por caridade
Uma esmola eu lhe dei
E nesta hora perguntei
Os seus anos de idade.

Ela respondeu a mim
Eu tenho 35 anos
Mas tenho sofrido muito
Nestes caminhos tiranos
Acabei a mocidade
Nos cabarés da cidade
Nos gozos banais mundanos.

Quando eu era criança
Vivia com os meus pais
Fui criada com carinho
Mas a morte tão voraz

Levou meus papais queridos
Eu fiquei dando gemidos
E tempo bom não tive mais.

Terminei de me criar
Em uma casa empregada
Onde só colhi desprezo
E fui muito maltratada
Namorei criei amor
A um falso traidor
Que deixou-me abandonada.

Aumentou mais meu sofrer
Depois de prostituída
Pensei encontrar bom tempo
Ingressei nesta má vida
A muitos eu fiz carinhos
Mas todos me deram espinhos
Deixando-me arrependida.

Durante a mocidade
Era uma pétala de rosa
Todos homens me abraçavam
Por eu ser muito formosa
Mas por infelicidade
Acabei a mocidade
Nesta vida espinhosa.

Agora é que eu vejo
Eles por longe de mim
Passando em passos longos
Em portas de botequim
Onde eu fui tão abraçada
E hoje tão desprezada
Sei que vou morrer assim.

Já usei pó e batom
E perfume estrangeiro
Vestido de muitas cores
Jóias de ouro verdadeiro
Minha vida era na festa
E hoje o que me resta
É doença e desespero.

Não encontro uma pessoa
Que tenha pena de mim
Mulher casada me odeia

Dizendo que fui ruim
Vivo de olhos vermelhos
Esses versos são conselhos
Para outra que faz assim.

Tem noite que perco o sono
Pensando no que gozei
No luxo e nas façanhas
E nos homens que tomei
De muitas pobres casadas
E hoje vivo nas calçadas
Pagando o que pratiquei.

Já dei muitas gargalhadas
E pisei pobre de pés
Já fui muito abraçada
Nas portas dos cabarés
Hoje vivo sem abrigo
Procuro fazer amigo
Com os pobres esmolés.

Contou isso e foi saindo
Se despediu nesta hora
No seu rosto eu vi os traços
De um sofredor que chora
Com o coração cheio de mágoa
E os olhos rasos d'água
Deu-me a mão e foi embora.

V

Ladainhas, hinos e cânticos

Achega do poeta Franklin Maxado em recolha feita nos meses de maio/junho garimpada durante a Novena Mariana que o cantador Sebastião Marinho realizou na sua residência em São Paulo, no ano de 2005.

ABC de Nosso Senhor

Diz um A – Ave Maria
Diz um B – bondosa e bela
Diz C – cofre de graça
Diz D – divina estrela

Diz E – esperança nossa
Diz F – fonte de amor
Diz G – gênero do bem
Diz H – honesta flor

Diz I – incenso d'alva
Diz um J – jóia mimosa
Diz um K – kaifo de anjo
Diz L – lírio formoso

Diz M – mãe dos mortais
Diz N – noite de um brilho
Diz O – orai por nós
Diz P – por vossos filhos

Diz um Q – querida estrela
Diz um R – rainha de paz
Diz um S – socorrei sempre
Diz um T – todos mortais

Diz um U – últimos brilhos
Diz um V – vai teto fecundo
Diz um X – xale sagrado
Diz um Z – zelo do mundo

Canto de Entrada

Quando eu cheguei neste altar
Meu coração se alegrou
De ver Maria Santíssima
Arrodeada de flores.

Fui ao jardim colher flores
Só achei rosa em botão
Essas mesmas eu vos trouxe
Para a virgem da Conceição.

Fui ao jardim colher flores
Só achei rosa amarela.
Essas mesmas eu vos trouxe
Para enfeitar belas capelas.

Fui ao jardim colher flores
Só achei rosa encarnada
Trouxe para nossa sena fora
Que ela é nossa advogada.

Flores brancas também serve
Dadas de bom coração
As mesmas eu ofereço
A Virgem da Conceição.

Aceitai Virgem Senhora
O que eu venho ofertar
Estas grinaldas de rosas
Que eu vos trouxe em vosso altar.

Viva! Viva a Conceição de Maria
Ou viva ou viva ou vivaaaa!

Canto ao Salve Rainha

Salve ó rainha
Maria mãe dos pecadores
Que lá do céu enviai graças mil
Os pecadores que te imploram neste momento
Ó Maria fazei feliz o nosso Brasil.

Salve ó rainha
Maria senhora dos Anjos
Que dos arcanjos recebe festejos mil
As criancinhas que te imploram neste momento
Ó Maria fazei feliz o nosso Brasil.

Ó minha mãe
Maria mãe do Salvador
Que nos livrai do inimigo fero e vil
Os brasileiros que te imploram neste momento
Ó Maria fazei feliz o nosso Brasil.

Canto do Evangelho

O anjo anunciou
A virgem Maria
Que ela seria a mãe do Salvador
O anjo anunciou
Maria disse sim
Faça-se em mim
Sou a serva do Senhor.

Nossa Senhora da Anunciação
Escuta nossa voz que vem do coração
Nossa Senhora da Anunciação
Rogai por nós por mim por meu irmão.

Maria nome sagrado

Maria no mim sagrado
Cheio de graça e candura
Sábios anjos embalados
Numa canção meiga e pura.

Recebe também Maria
Esse punhado de flores
Que vos ofereço mãe pia
Rendendo graça e louvores.

São essas nossas canções
Maria mãe de bondade
Enchei nossos corações
De ternura e piedade.

Recebe também Maria
Esse punhado de flores
Que vos ofereço mãe pia
Rendendo graça e louvores.

Brilha mais que a luz do dia
Nesta noite mais formosa
Recebe também Maria
Essa coroa de rosa.

Recebe também Maria
Esse punhado de flores
Que vos ofereço mãe pia
Rendendo graça e louvores.

Maria nome sagrado
Pai e mãe de união
Receba esta coroa
Que os anjos levam na mão.

Recebe também Maria
Esse punhado de flores
Que vos ofereço mãe pia
Rendendo graça e louvores.

Com qual rosa

Com qual rosa fazer
As capelas formosas
Com que lírio

Com qual flor
Com que veste
Com que implorar
Cantarei em nosso louvor.

Rogai por nós ó Maria lá do céu
Ó que reino de alegria
Junto a Deus.

És Senhora da minha alma
Pecadora da triste consolação
Rosa que se cria nela
Toda nossa redenção.

Eu me escrevo a louvar
O quanto devo
Com pena e guia
Toda embora
Enquanto escrevo
Com dores estranhas e frias.

Hino da colheita de flores

De colher algumas flores
Dia nenhum deixei
Se com ela a vossa fonte
Virgem Santa cingirei.

És ó Maria
Nossa alegria
Estrela do mar
És nosso navegar
És mais querida
De nossa vida
Por um gozar e esperar.

Congratulamos ó Virgem
Entre a sarça espinhosa
Se vós fostes bem aceita
Dela brotai de uma rosa.

És ó Maria
Nossa alegria
Estrela do mar
És nosso navegar
És mais querida
De nossa vida

Por um gozar e esperar.

Mas eu tenho urna doce esperança
De um amor tilo contentável
E darei ao vosso servo
Urna coroa mais sensível.

És ó Maria
Nossa alegria
Estrela do mar
És nosso navegar
És mais querida
De nossa vida
Por um gozar e esperar.

Quisera ser uma rosa

Quisera ser uma rosa
Para cair aos pés de Maria
E beijar o seu manto perfumado
Com incenso que Deus lhe envia.

Maria eterna mãe tios pescadores
Rogai por nós rainha das flores

Quisera ser um arcanjo
Para viver bem juntinho a Maria
Para sentir a graça que seu nome
Distribui o mundo neste dia.

Quisera não ter pecado
Para viver neste mês de alegria
E sentir que Jesus me olhava
Para eu ser um bom filho de Maria.

Hino da Conceição

Todos aqueles que louvam
A Conceição de Maria
Terão triunfo no céu
Todos cheios de alegria.

De onde vem tanta alegria
Nesta terra pedregosa
Grande poder tem Maria
Que converte pedra em rosa.

Sai-te daqui ó tristeza
Lá vem a santa alegria
Começam alegres os trabalhos
Do santo mês de Maria.

Onde berra o gado alegre
Os passarinhos cantando
A terra brota sorrindo
Os cordeirinhos saltando.

Nós findamos o nosso canto
Cantemos com alegria
Viva o mês de maio
O santo mês de Maria.

Mãe de Deus e nossa

Viva mãe de Deus e nossa
Sem pecado concebida
Viva viva imaculada
Ela é nossa mãe querida.

Nazaré terra bendita
Que por Deus foi escolhida
Para ser de nosso berço
Protegei-nos ó mãe querida.

A igreja é casa santa
Própria para fazer oração
Viva a nossa padroeira
Senhora da Conceição.

A igreja é casa santa
Onde Deus fez a moradia
Onde está o cálix bento
E a hóstia consagrada.

Minha alma dá glória

Minha alma dá glória ao Senhor
Meu coração bate alegre e feliz
Olhou para mim com tanto amor
Que me escolheu me elegeu e me quis.

E de hoje em diante eu já posso prever
Todos os povos vão me bendizer
O poderoso lembrou-se de mim

Santo é seu nome sem fim

O povo dá glória ao Senhor
Seu coração bate alegre e feliz
Maria carrega o Salvador
Porque Deus-Pai Sempre cumpre o que diz.

E quando os povos aceitam a lei
Passa de pai para filho o seu dom
Das gerações ele é mais do que rei
Ele é Deus pai Ele é bom.

Minha alma dá glória ao Senhor
Meu coração bate alegre e feliz
Olhou para mim com tanto amor
Que me escolheu me elegeu e me quis.

O orgulhoso ele sabe dobrar
O poderoso ele sabe enfrentar
O pobrezinho ele defenderei
Não nos abandonará.

O povo dá glória ao Senhor
Seu coração bate alegre e feliz
Maria carrega o Salvador
Porque Deus-Pai Sempre cumpre o que diz.

Quem tem demais qualquer dia vai ver
O que é ter fome e não ter para comer
Quem passa fome comida terá
Eis que a justiça virá.

Minha alma dar glória ao Senhor
Meti coração bate alegre e feliz
Meu povo já sente o seu amor
Ele promete Ele sempre cumpre o que diz.

Aos nossos pais Ele um dia jurou
Ele é fiel e jamais enganou
Estamos perto de uma era de amor
Bendito seja o Senhor.

Nosso Espírito Santo

O divino Espírito Santo
Ele é pai de um belo dia
As candeias resplandecendo

No coração de Maria.

Lá no céu onde Deus mora
Não há noite tudo é dia
Onde os anjos estão cantando
No coração de Maria.

Abri rosas orvalhadas
Ida primavera do dia
Logo vem resplandecendo
No coração de Maria.

Chega com a fresca da noite
Abri com a nuvem fria
Abrem flores resplandece o cheiro
No coração de Maria.

Ó Virgem da Conceição

Ó virgem Senhora
Da Conceição
Não queira que eu morra
Sem a confissão.

Ó Marna Ó Maria
Teu nome é de luz
Foi o nome escolhido
Para ser a mãe de Jesus.

Ó Virgem Senhora
Do grande louvor
Rainha dos anjos
Do seu esplendor.

Dos resplendores
De maravilha
Vós sois Senhora
Ó Virgem Maria.

Volta ao altar

Vamos companheira
Com muita alegria
Aos pés do altar
Visitar Maria.

Vamos todas vamos

Irão fique ninguém
Como as outras fora
Nós vamos também.

Hino da coroação

Ó virgem gloriosa
Ó lírio angelical
Recebei carinhosa
O canto divinal
Ave Maria de Graça e apelo Ave Maria.

Exultar de alegria
Maria imaculada
No céu ó virgem pia
Só és hoje coroada
Ave Maria de Graça e apelo Ave Maria.

Nas horas gloriosas
No vosso céu de amor
As almas vão ditosas
Levando ao Senhor
Ave Maria de Graça e apelo ave Maria.

Um dia chegaremos
Na celeste mansão
Então descansaremos
O nosso coração
Ave Maria de Graça e apelo ave Maria

Guia nossos passos
Durante toda vida
Entre vossos braços
Guarda-me ó mãe querida
Ave Maria de Graça e apelo ave Maria.

Queima das Bandeiras

Queimamos as flores
Galhinhos e ramos
Do santo exercício
Do Mês Mariano.

Queimamos bandeiras
E velinhas de cera
No fim do exercício
Queimamos as bandeiras.

Bandeiras e lanternas
Tudo se queimando
Até o próximo ano
Se vivos nós formos.

Bandeira e lanterna
Tudo se queimou
Até para o ano
Se vivos nós formos.

Hino da Queimagem

Dai-me licença Senhora
Para chegarmos ao vosso altar
Apanhar algumas flores
Para podermos queimar.

Vamos companheiros
Companheiros vamos.

Vamos companheiros
Com muita alegria
Queimar as flores
Do mês de Maria.

Vamos companheiros
Companheiros vamos.

Vamos companheiros
Com grande pesar
Queimar essas flores
Para não se pisar.

Vamos companheiros
Companheiros vamos.

Ó meninas belas
Ó mães de famílias
Queimemos as flores
De trinta e um dias.

Despedida da fogueira

A fumaça das flores
O vento vai carregando
Deixando apenas saudade

Do santo Mês Mariano.

Queimou-se, queimou-se
As santas sagradas flores.

Adeus meus amigos
Adeus meu amor
Até para o ano
Se nós vivo for.

Hino de volta ao terço

Vinde de volta ao terço
Sem faltar nem um só dia
Adorar Nossa Senhora
No santo Mês de Maria.

Vinde neste mês de graça
Sem faltar nem um só dia
Tomar lição dos preceitos
Do santo mês de Maria.

De onde vem tanta graça
Deus foi quem veio nos dar
Há tempos que eu não vejo
Santidade no lugar.

De onde vêm tantas flores
Que no mundo não havia
Para fazer as capelas
Do santo mês de Maria.

As capelas deste mês
São feitas de flores brancas
Escolhidas pelos anjos
Para louvar essa santa.

Esta santa tem bom nome
Foi batizada em Belém
Ela tem grande poder
De nos dar o céu Amém.

Hino do Mês Mariano

O Mês Mariano
É mês de alegria
Pois é sagrado

O mês de Maria.

É feliz em todo o ano
Quem reza o Mês Mariano.

Cheguei neste altar
Meu coração se alegrou
De ver Maria Santíssima
Arrodeada de flores.

É feliz em todo o ano
Quem reza o Mês Mariano.

Fazei tremer o inferno
Com flores e ramos
És o canto divino
Do Mês Mariano.

É feliz em todo o ano
Quem reza o Mês Mariano.

Permiti ó Virgem
Que eu viva para o ano
Cantando os louvores
Do Mês Mariano.

Despedida de maio

Adeus maio perfumado
Mês de muita e alegria
Adeus maio abençoado
Pela graça de Maria.

Adeus maio das capelas
Tão ricas e iluminadas
Da virgem puríssima e bela
Toda de branco trajada.

Adeus maio das pequenas
Médias e capelinhas
Adeus maio das novenas
Das rezas e ladainhas.

Graças vos damos Senhora
Por tanta paz e alegria
Piedosa e protetora
Rogai por nós ó Maria.

Despedida do mês de maio

Adeus santo mês de maio
O santo mês de Maria
Acabou-se o mês da mãe
Acabou-se a alegria.

Adeus santo mês de maio
Mês de tanta alegria
Nós hoje nos despedimos
Dos louvores de Maria.

Adeus amadas cantoras
Entre abraços choramos
Quando Maria louvarmos
Juntinho ao céu nós vibramos.

Lá no reino de Maria
Vamos com muita alegria
Vencer a nossa vitória
Ver o trono de Maria.

Adeus amada cantora
Adeus a todos também
Maria nos dê a graça
Para louvar o ano que vem.

Hino para terminar

Hoje termina o vosso mês dileto
A vossos filhos que a vós louvando
Então ó Virgem aceita a voz de nosso canto
O canto puro de nossa emoção.

Flores trazemos neste grande dia
Para demonstrar sobre o vosso altar
Ó Virgem escuta a voz de nosso canto
O canto puro de vosso eterno altar.

São rosas rubras que vos ofertamos
E a nossa oferta transformando em flores
São rosas brancas que vos ofertamos
No mais profundo de vosso eterno amor.

Posfácio

Carta a Franklin Maxado

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 2011.

Caro poeta Maxado.

Fico imaginando daqui a tua surpresa com este "bilhetinho". É que somente agora começo a realizar aquele projeto de fazer um artigo com antologia de canções nordestinas – lembra? Ou seja, desde aquele tempo que te pedi socorro com algumas canções de tua coleção. Abri o envelope e lá está, ainda, a tua carta que veio junto, vejo a data 13 de julho de 2005! Carajo (como dizem os espanhóis): como o tempo passa meu amigo. Rapaz, o papel ficou mais velho e tem algumas poucas coisas que não irei aproveitar. Mas mesmo com cerca de 70% já dará uma boa antologia.

Esse meu ânimo veio de uma cobrança daquele rapaz que tem uma livraria na Feira de São Cristóvão. Bom, ele pegou aquele caminhão em miniatura que estava lá largado num canto, mandou reformar e fez uma banca de folhetos. Ficou bonito e é a melhor coleção de folhetos que ainda resta lá. O Azulão só aparece lá no sábado ou domingo; o Erivaldo também nesses dias; e mais uma banca do Sepalo Campelo, nada mais. No demais a Feira está uma merda: é só comilança e bebelança. Pouco folclore, o governo municipal nem quer saber dela porque tem muita mutreta: jogou ela para Secretaria de Turismo! Pois bem. Ele andou comentando comigo sobre gente que procura folhas de Canção, mas não tem no mercado. Então me lembrei dessa coleção e vou dar para ela essa antologia, que mande imprimir e faça lá o que quiser, respeitado o direito autoral.

Já sei o que você vai dizer: "O Sá vai ganhar uma grana à minha custa". Ou então: "O Sá é uma besta, vai ter um trabalho danado e vai dar de bandeja, sem cobrar nada". Mas, enfim, você sempre terá razão – eu sou uma besta mesmo, não sei lidar com dinheiro. Ocorre que, pensando mais um pouco adiante, me alembrei de que poderia ajuntar ao volume uma introdução sobre o significado desse ramo "esquecido" da literatura de cordel – a Canção. E quem é mais indicado para fazer isso do que você? Então se prepare e vá ajuntando a papelada que tem aí sobre o tema.

Não me desgoste fazendo uma coisa muito formal, como dando importância às origens ibéricas, os pliegos sueltos, essa porra toda que só serve para gringo. Para que as novas gerações não fiquem sem informação, pode sim fincar três ou quatro linhas sobre isso e não mais.

Quero é pegar o período da antologia e que você comente sobre os autores, pois são poucos os que eu conheço. Por isso aguarde eu acabar de digitar tudo, te mando uma cópia para você fazer a introdução. A minha ideia é fazer livro para internet, como tenho feito por último. Aguarde, pois.

Achei gostoso que a tua carta não ficou velha não. Nela, além do meu pedido, a principal temática que você trata é sobre a amizade. E estigmatiza-a com uma frase: "Se é amigo, o que se pode fazer!?" Lá, mais adiante, você diz: "Sá, a amizade é uma coisa divina. Da minha parte procuro honrar meus amigos. Digo-lhe isto, pois o tenho nesta relação, como o Ciro também, a quem visitei aí arranjando um tempinho. Sou um homem rico, pois [sou] querido onde passo e isto é minha maior fortuna".

Tirando o estilo condescendente típico do filósofo de merda, é claro que você tem toda razão. Eu acrescento um item mais: "Ser amigo é também perdoar as merdas que os amigos fazem tentando destruir a amizade." Lembra quando te conheci? Fui à tua banca na Cinelândia, comprei a coleção de teus folhetos e depois lavrei o meu primeiro folheto – O mundo misterioso dos sonhos. Você ficou lendo, mudo, depois disse mais para ti do que para mim: "Rapaz, o homem é poeta!" Achei muita graça. Mas quando foi isso? Não me lembro de datar. Vê aí. Anos 1970, por aí. Depois foi aquilo que dura até hoje.

Você e o Raimundo Silva vieram ao Cachambi muitas vezes e almoçamos aquelas peixadas, com pimenta malagueta verde comprada na feira da rua. Também não esqueci aquele Xinxim de Galinha que sua mãe fez em Santa Teresa no ateliê do Zé Andrade, vinda lá de Feira de Santana especialmente para o seu aniversário. Sabe, sou muito grato ao Zé Andrade, porque sempre me oferece apoio, dinheiro, trabalhos a fazer, me convida para morar uns tempos com ele, mas eu fico na minha e no Cachambi. De qualquer modo, a gente nunca está distante um do outro: o Zé sempre acha jeito da gente se encontrar, para almoçar, coisas assim.

Mas agora, velho e aposentado com um salário mínimo (meu processo está no INSS há anos!), caro Maxado, você sabe, me ocorre de estar na rua, saindo de casa para Praça Mauá, vou e volto, sem um tostão no bolso! Nem 10 centavos para ficar mexendo com a moedinha no bolso, meu amigo, mas nem por isso me sinto mal e nem por isso vou ficar pedindo dinheiro. Almoço quando almoço, penduro algumas contas e depois pago, assim vou levando a vida. Aí você vai dizer "e ainda faz as coisas pros outros de graça!" Pode dizer, Maxado, esse é o Sá, sim.

Ainda bem que as pessoas mudam de opinião, né? Então, agora mesmo, este mês, andei pensando na vida de Gonçalo, e botei isso num

folheto que dou a ele. Não te mando porque o Gonçalo ainda não leu, e é dele. Mas assim que tiver liberado mando uma cópia para você. O folheto é "Gonçalo Ferreira da Silva – O poeta sonhador". Por causa do sonho dele de fundar a ABLC que acabou vingando e está aí, firme e forte.

Maxado, te contei que parei de escrever poesia? Já faz uns anos que não prego um verso. Apenas fiz um folheto, pago, sobre o Obama (O avô brasileiro de Obama), a pedido do Zé, que conheceu alguém no Consulado Americano e bolou essa ideia. Fiz outro, pago, (Folia de Reis na Feira), a pedido do Marcus Lucena, que é o gerente da Prefeitura lá na Feira. Lucena foi candidato a deputado federal na última eleição, mas levou bomba. Agora diz que vai se candidatar a vereador. Zé me pagou R$ 100,00 e Lucena R$ 300,00. Tá bom, né?

Bom, mas parei de escrever porque um dia me dei conta que tudo que queria dizer me expressava através da poesia. Então, disse, porra, poesia não é tudo. Fui juntar minhas prosas e ainda tenho duas novelas e um ensaio já a meio caminho andado para terminar e então paro de escrever de vez. Vou viver a vida que é bem melhor! Na verdade Maxado, você sabe disso, escrever, ser poeta, tem muito a ver com a vaidade, né?

Foi bom porque tive tempo de arrumar os livros de poesia, que estão hoje contados e arrumados: são 14 livros e mais um de sobras do que não foi posto em volume. Destino: lixo. Já juntei os folhetos em quatro antologias com 10 folhetos cada uma (estou arrumando as sobras para o volume #5). Somando isso, mais os volumes de artigos e ensaios, minha pobre obra não chega a 40 livros. A maioria está na internet, para baixa DE GRAÇA! Pode xingar.

Agora quero arranjar meios de ir a São Luís passar 30 dias lá, visitar o meu irmão e um primo que é escritor e me pede para ajeitar, editar e revisar os livros dele. Outro sonho que tenho é visitar você e ficar uns dias aí em Feira. Por enquanto é sonho apenas. Bom Maxado, estou contente de mandar este bilhetinho. Por favor, conserve os assuntos daqui – aqueles que exigem – dentro de sua reserva e me guarde um poucadinho dentro da sua agenda de amigos distantes.

Um abraço, Sá

Adendo - Relação das canções

Agrestina - Bebendo e pensando nela
Antônio Alves - Filho sem mãe
Antônio Lídio Faustino - Nas portas dos cabarés
Antônio Maracajá - Martírios de minha vida
Apolônio Cardoso - Flor do cascalho
Elizeu Ventania - Dez canções
Expedito Sobrinho - Adeus do filho querido
Ezequiel Calisto de Lima - Lamento da casa velha
Firmino Ferreira da Silva - A volta do filho querido
Francisco Bezerra (Chiquinho) - Canção do filho abandonado
Francisco Pedra - A volta do vaqueiro
Francisco Vieira - O vaqueiro apaixonado (e a beleza da mulher)
João Alexandre - A vaquejada do Sertão
João Bandeira - O mal que a inveja faz
João da Silveira - Recordação de vaqueiro
José Alves Sobrinho - Despedida dos namorados
José Francisco Borges - Os prantos da meretriz
José Gonçalves - Amor Materno
José Guri do Coco - Recado de Amor
José Luiz "Violeiro" - O filho do sofrimento
José Luiz - A morte do vaqueiro Genival na Fazenda Laranjeira
Louro Branco - A última carta
Louro Branco - Oh mamãe
Louro Branco - Vaqueiro Gado e Mulher
Luiz José de Oliveira - Lágrimas do passado
M. P. Clemente - Amor de Mãe
Manoel Rezende - Amor, paixão e segredo
Manoel Soares Sobrinho - Despedida de um vaqueiro
Mario Luiz - Cabana abandonada
Olegário Fernandes da Silva - A carta do vaqueiro ao povo do norte
Otacílio Batista - Mamãe e Papai
Pedro Bandeira - Canção das Mães
Pedro Bandeira - Corrida de mourão
Pedro Bandeira - O fazendeiro castigado
Pedro Bandeira - Resposta a Última Carta
Sebastião da Silva e Moacir Laurentino - Criança morta
Sinésio Pereira - Amor de Mãe não tem fim
Sinésio Pereira - Índia na praia

Relação das ladainhas, hinos e cânticos

ABC de Nosso Senhor
Canto ao Salve Rainha
Canto de Entrada
Canto do Evangelho

Com qual rosa
Despedida da fogueira
Despedida de maio
Despedida do mês de maio
Hino da colheita de flores
Hino da Conceição
Hino da coroação
Hino da Queimagem
Hino de volta ao terço
Hino do Mês Mariano
Hino para terminar
Mãe de Deus e nossa
Maria nome sagrado
Minha alma dá glória
Nosso Espírito Santo
Ó Virgem da Conceição
Queima das Bandeiras
Quisera ser uma rosa
Volta ao altar

Agradecimentos

Para atualização deste trabalho, o autor não pôde prescindir da recolha e pesquisa feita em centenas de milhares de sites que mantêm viva a Literatura de Cordel e o Cancioneiro Nordestino, aos quais sou muito grato. Devido à impossibilidade de citar todos um por um, faço-os representados nesta pequena lista:

ABLC: http://www.ablc.com.br/
Acorda Cordel: http://acordacordel.blogspot.com.br/
Besta Fubana: https://www.luizberto.com/
Cantigas e Cantos: http://cantigasecantos.blogspot.com.br/
Chico Gabriel: http://ribeirochicogabriel.blogspot.com.br/
Cordel Atemporal: http://marcohaurelio.blogspot.com.br/
Cordel nos Cocais: http://cordelnoscocais.blogspot.com.br/
Elizeu Ventania: http://elizeuvent.blogspot.com.br/
Na rota da poesia: http://narotadapoesia.blogspot.com.br/
O Rei da Canção: http://elizeuvent.blogspot.com.br/
Paraíba Criativa: http://www.paraibacriativa.com.br/
Poemia: https://poemia.wordpress.com/
São José do Egito: http://saojosedoegito.pe.gov.br/
Teatro Santa Isabel: http://www.teatrosantaisabel.com.br/
Viola Caipira: https://violacaipira.com.br/
Violeiros Potiguares: http://violeirospotiguares.blogspot.com.br/
Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/
Zé Andrade: http://www.zeandrade.com/